

**RESUMO** O artigo apresenta uma análise das razões da recusa da tese inaugural *Funções do cérebro* pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1875. Escrito por Domingos Guedes Cabral, este foi um dos primeiros trabalhos darwinistas produzidos no Brasil, tendo sido publicado na forma de livro em 1876. O exame de fontes da época nos leva à conclusão de que não se pode explicar a recusa da tese de Guedes Cabral com base em um único fator, sejam suas idéias evolucionistas, seja seu materialismo. Numa obra que abre tantas frentes de batalha ao mesmo tempo – contra o Estado monarquista, a religião católica, Deus, a Faculdade de Medicina, o Direito –, é difícil atribuir uma reação negativa a um único fator. Esta pode até mesmo ser vista como um ato político da Faculdade, fruto do temor de associar seu nome às idéias controversas do doutorando, ao sobrepor-lhes o signo de sua aprovação.

**Palavras-chave** Domingos Guedes Cabral, Faculdade de Medicina da Bahia, darwinismo, positivismo.

44

**ABSTRACT** *In this paper, we offer an analysis of the reasons for the rejection of the thesis *Funções do cérebro* (Functions of the brain) by the Faculty of Medicine of Bahia, in 1875. Written by Domingos Guedes Cabral, this was one of the first Darwinist works produced in Brazil, being published as a book in 1876. The investigation leads us to the conclusion that one cannot explain the rejection of Guedes Cabral's thesis based on a single factor, either his evolutionary ideas, or his materialism. In a work engaged in so many struggles at the same time – against the monarchist state, Catholic religion, God, the Faculty of Medicine, Law –, it is hard to attribute a negative reaction to any single factor. This rejection can be even seen as a political act of the Faculty, resulting from the fear of associating the name of the institution with the controversial ideas of Cabral.*

**Key words** *Domingos Guedes Cabral, Faculty of Medicine of Bahia, Darwinism, Positivism.*

## Por que a tese de Domingos Guedes Cabral foi recusada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1875?

### Why was Domingos Guedes Cabral's thesis rejected by the Faculty of Medicine of Bahia in 1875?

RONNIE ALMEIDA  
CHARBEL EL-HANI

Universidade Federal da Bahia | UFBA

Quatro trabalhos podem ser considerados fundadores das “discussões públicas” sobre o evolucionismo darwinista no Brasil: 1) a tese de Miranda de Azevedo sobre o Beriberi, apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em Novembro de 1874, na qual o autor tratou do seguinte tema nas “Ciências Acessórias” Botânica e Zoologia: “Do Darwinismo – É aceitável o aperfeiçoamento cada vez mais completo das espécies até o homem?”; 2) a tese de doutoramento apresentada por Sylvio Romero à Faculdade de Direito do Recife, na qual propõe a aplicação do darwinismo ao Direito, inspirado no jurista alemão Rudolf Lhering; 3) a tese que Domingos Guedes Cabral apresentou à Faculdade de Medicina da Bahia, *Funções do cérebro*, nos meses finais de 1875, defendendo idéias darwinistas e materialistas; 4) a publicação em 1876, por José Araújo Ribeiro – Visconde do Rio Grande –, do livro *O fim da criação*, publicado anonimamente.<sup>1</sup> Collichio considera que, até 1876, a obra mais importante sobre o tema foi a tese que Domingos Guedes Cabral tentou defender na Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1878, foi publicada a obra *A filosofia do Brasil*, de Sylvio Romero, escrita dois anos antes. Para a autora, esse livro de Romero teria sido a obra mais importante sobre o darwinismo produzida durante a década de 1870. O presente artigo se debruça sobre um dos pensadores mencionados acima, Guedes Cabral, discutindo as razões para a recusa de sua tese, *Funções do cérebro*, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1875.

Cabral era um legítimo representante da geração de 1870, que teve participação central na construção do pensamento republicano em nosso país,<sup>2</sup> estando comprometido com a ideia de que era necessário mudar o Brasil e, mais do que isso, mudá-lo através da ciência e da educação. Ele tomou ideias evolucionistas e positivistas como uma base para sua visão de um projeto de transformação nacional.<sup>3</sup> Entre as razões sugeridas para a recusa de sua tese, encontramos seu ataque à religião do estado, o catolicismo,<sup>4</sup> e a defesa de posições, tais como o darwinismo, que contradiziam ideias dominantes na Faculdade de Medicina naquele período.<sup>5</sup> Nós consideramos que essas hipóteses explicam apenas parcialmente as razões da recusa de *Funcções do cerebro* e pretendemos apresentar, neste artigo, um retrato mais completo desse episódio histórico. Trata-se de um evento bastante raro na instituição, sendo necessárias razões particularmente fortes para o ocorrido.

## 1. A tese *Funcções do cerebro*

Nos meses finais do ano de 1875, um incidente trouxe à cena intelectual brasileira um jovem estudante da Faculdade de Medicina da Bahia. O aluno Domingos Guedes Cabral apresentou sua tese de conclusão de curso que foi sumariamente recusada pela congregação da Faculdade. Essa tese estava de acordo com as principais preocupações dos intelectuais positivistas e evolucionistas. No Brasil, as ideias positivistas e evolucionistas sofreram uma grande diversidade de interpretações, muitas vezes originais, que eram adaptadas para serem utilizadas no campo social. O grande projeto dos intelectuais da geração de 1870 era conseguir uma teoria que fosse capaz de remodelar a sociedade brasileira. O jovem médico baiano era um desses pensadores preocupados com o futuro da nação.

Principalmente a partir do terceiro quartel do século XIX, muitos pensadores estavam convencidos da possibilidade de usar a ciência para solucionar uma série de dificuldades presentes em nosso país. Eles buscavam contribuir, à sua maneira, para que o Brasil deixasse para trás o “atraso”, ingressando no mundo do “progresso”. Ao fazê-lo, não se apoiaram estritamente em uma corrente de pensamento, como o darwinismo ou o positivismo, mas se apropriaram de parcelas das ideias de uma série de autores.<sup>6</sup> Na obra de Cabral, certamente encontramos esse modo criativo de trazer ideias estrangeiras para um debate que parecia central para o avanço da nação brasileira.<sup>7</sup>

Algumas questões aparecem de forma marcante na tese recusada. Primeiro, trata-se de um dos primeiros trabalhos de orientação darwinista produzido por um brasileiro, aceitando inclusive a descendência simiesca do homem – coisa pouco comum à época.<sup>8</sup> Segundo, estamos diante de um trabalho produzido dentro da mais exata conformidade com a filosofia positivista de Auguste Comte, sendo o principal objetivo de *Funcções do cerebro* encontrar a localização e a função da alma humana. De acordo com o projeto positivista do século XIX, deveria ser possível localizar empiricamente o local onde estaria alojada a alma humana, que, nesse período, se confundia com o que atualmente denominamos “mente”. Caso não fosse possível localizá-la, isso demonstraria, de acordo com esse projeto, a inexistência da alma. Fortemente influenciado pelos estudos empíricos de naturalistas europeus, o doutorando acreditava que, uma vez tendo demonstrado a inexistência da alma, teria conseguido também “provar” a inexistência de Deus, envolvendo-se em um conflito aberto tanto com a religião do estado, o catolicismo, quanto com outras formas de religiosidade representadas na Bahia imperial.

Não nos debruçaremos aqui sobre o conteúdo da tese propriamente dita, por ter sido este objeto de trabalhos anteriores.<sup>9</sup> É importante, contudo, dar uma ideia geral da obra com que estamos lidando. Guedes Cabral começa seu trabalho utilizando argumentos das ciências naturais, referindo-se a uma diversidade de autores consagrados, que, na maioria das vezes, são materialistas. As evidências empíricas são encontradas em grande quantidade na tese: tudo que é afirmado é seguido de um conjunto de experiências realizadas com animais e, quando a questão permite, com exemplos humanos. Embora não tenha feito “experiências positivas” em apoio às suas hipóteses, ele usa aquelas realizadas por grandes nomes das ciências da época, possivelmente com a finalidade de dificultar a crítica daqueles que não concordam com suas ideias. A partir do meio do trabalho, o autor começa a posicionar-se em questões ligadas às

ciências sociais, principalmente à Antropologia. Embora essa ciência, principalmente nos seus primeiros anos, não se separe muito das ciências naturais, exigia um maior grau de especulação em suas formulações. A análise da obra de Cabral em seu todo, assim como diversas afirmações ao longo do texto no sentido de que aquela seria a hora e a vez da antropologia, nos permite supor que o jovem doutorando ansiava por ser reconhecido e respeitado como antropólogo. Para isso, nada melhor do que o primeiro ser aceito na sua área de atuação, a Medicina.

*Funções do cérebro* era um trabalho de fôlego, com mais de duzentas páginas, na qual o autor mostrava que conhecia as principais obras de anatomia, antropologia e fisiologia de sua época.<sup>10</sup> Após a recusa da tese, o aluno foi obrigado a apresentar outro trabalho, feito às pressas, para poder concluir o curso de Medicina. Era um trabalho muito modesto, particularmente diante da tese recusada, no qual ele escreveu sobre um tema bastante frequente nas Faculdades de Medicina e que ele sabia que seria aceito sem maiores problemas: “Qual o melhor tratamento para a febre amarela?”

Revoltados com a intromissão da Faculdade nas opiniões intelectuais dos doutorandos, os alunos dos mais diversos anos de ingresso na instituição arrecadaram fundos para que a tese, embora recusada como tal, fosse editada em forma de livro no ano seguinte. Seguiu-se uma árdua polêmica. O autor foi duramente atacado através da imprensa local, principalmente naquela de inspiração católica. Segundo Sacramento Blake,<sup>11</sup> apenas em um dos jornais católicos que o atacou, *A chronica religiosa*, foram escritos mais de trinta artigos contra suas ideias. Cansado de responder a editoriais em diversos jornais, terminou por mudar-se para Laranjeiras, no estado de Sergipe. Em vez de encontrar um local de paz e tranquilidade, onde pudesse começar sua carreira de médico, foi recebido de forma hostil por um editorial no jornal local, que convidava os habitantes da cidade a enfrentar o novo ateu que havia chegado. As polêmicas acabaram, assim, por persegui-lo também em Laranjeiras, de onde retornou para Salvador, com a saúde já bastante deteriorada pela tuberculose, vindo a falecer prematuramente nessa cidade, a 27 de janeiro de 1883, com trinta e um anos de idade.

46

Anos mais tarde, um religioso católico, o cônego Philadelfo de Oliveira, que escrevia a História de Laranjeiras, afirmou que as atitudes do jovem médico Guedes Cabral eram fruto do medo da morte. Esse medo seria o responsável por seu ateísmo e sua irritação com o mundo do sagrado:

*Laranjeiras também teve sua luta religiosa, não chegando ao fanatismo, limitando-se a defender energicamente a sua religião e as suas tradições como legados sagrados dos seus antepassados. Todas as revoluções têm os seus precursores. A luta religiosa em Laranjeiras teve como precursor o Dr. Domingos Guedes Cabral, médico pela Academia da Bahia, onde foi perseguido por causa do seu irritante e inoportuno ateísmo. [...] Era o Dr. Guedes Cabral tuberculoso e eis a causa da irritabilidade e do seu desespero na vida. O céptico tinha porém, grande inteligência, caráter rígido e inquebrantável.<sup>12</sup>*

É interessante perceber que mesmo alguém que se encontrava em extremo oposto a Cabral, por estar interessado em justificar a fé cristã, precisava admitir, ao criticá-lo, algumas de suas qualidades, sua “grande inteligência” e seu “caráter rígido e inquebrantável”.

No nosso entender, as dificuldades que a tese de Cabral enfrentou eram, de certa forma, esperadas pelo autor, principalmente porque estava escrevendo em um país católico, que possuía uma religião oficial. Contudo, o momento deve ter parecido propício a Cabral; afinal de contas, apenas três anos antes de tentar defender sua tese, a Igreja Católica brasileira enfrentou um momento crucial, a famosa “questão dos bispos”, que terminou com um profundo estranhamento entre o poder do Estado e o poder religioso.<sup>m</sup> Além disso, a própria sede do catolicismo estava sendo atacada duramente com a unificação da Itália e a perda dos estados papais, que aconteceram em 1869. Assim, aquele pode ter-lhe parecido um momento favorável para um ataque aberto à religião de estado, tal como vemos em *Funções do cérebro*.

Entretanto, o doutorando não teria levado em conta alguns aspectos, caso tenha sido este seu juízo. Primeiro, que tanto o poder religioso como o estatal estavam mais interessados em esquecer os incidentes causados pela contenda. As duas partes já estavam devidamente convencidas dos prejuízos que uma crise intensa entre essas duas formas de

poder poderia gerar, em um país em que a grande maioria das pessoas estava submetida ao trabalho compulsório.<sup>14</sup> Segundo, Cabral não atacou apenas o Deus católico, ou, ao menos, os padres que eram os representantes desse Deus, como era costume fazer, mas atacou a própria ideia de alma imaterial, insurgindo-se contra tudo o que não fosse físico. Encontrar parceiros que estivessem dispostos a entrar numa luta contra Deus não era tarefa fácil. Protestantes, maçons, espíritas podiam estar, todos, contra a Igreja Católica; entretanto, certamente andariam de braços dados para defender alguma ideia de Deus criador.

Seja como for, a recusa da tese era praticamente impossível de prever, já que não havia ocorrido situação semelhante antes na Faculdade de Medicina da Bahia. Mas quais teriam sido as razões que levaram a Congregação da Faculdade a um ato tão radical quanto inesperado? Para compreender essas razões, recorreremos inicialmente à biografia do pai de nosso personagem e, em seguida, discutiremos o engajamento de Guedes Cabral com o jornalismo da época. Mas, antes de passarmos a tratar destes pontos, devemos tecer algumas considerações sobre as fontes usadas no presente trabalho.

## 2. Fontes e dificuldades da pesquisa

Em relação às fontes primárias, a primeira e mais importante foi, sem dúvida, a própria tese recusada. Nesse documento, encontramos a visão de Guedes Cabral sobre quais foram os inimigos que teriam impossibilitado a defesa de sua tese. Infelizmente, o autor não lista os possíveis apoios, dos quais possivelmente usufruiu, para enveredar em um empreendimento tão ousado como aquele presente em *Funções do cérebro*. Essa tese não está disponível no acervo do Memorial da antiga Faculdade de Medicina da Bahia, já que foi recusada como tese inaugural. Além disso, não encontramos nenhum registro sobre sua vida no Memorial da Faculdade, nem mesmo encontramos a tese que teve de escrever para formar-se e que versava sobre qual o melhor tratamento para a febre amarela. Para dificultar ainda mais o trabalho, diversas informações pessoais que deveriam estar disponíveis no Memorial, como os documentos de matrícula do estudante, desapareceram, ao ponto de uma funcionária ter-nos dito que o “Dr. Guedes Cabral não queria ser encontrado”.

47

Encontramos o livro *Funções do cérebro* em dois locais, e usamos, em momentos distintos, exemplares das duas instituições: primeiro, consultamos o exemplar disponível na Fundação Clemente Mariani; depois, fizemos duas releituras nos exemplares disponíveis na Biblioteca Central da Bahia. Pretendíamos, inicialmente, comparar o discurso presente na tese recusada com os diversos editoriais que saíram contra Guedes Cabral em diversos jornais baianos nos primeiros meses de 1876 (Blake, 1893). Descobrimos que esses jornais, quando existiam na Bahia, estavam sem condições de serem manuseados devido a sua má condição de conservação. Essa dificuldade prática nos possibilitou, contudo, vislumbrar uma nova linha de investigação, ainda não discutida nos textos sobre o incidente da recusa. Percebemos que, se queríamos entender os motivos que levaram a Faculdade de Medicina da Bahia a recusar essa tese, deveríamos buscar informações anteriores ao evento da recusa.

A partir de informações disponíveis em Blake<sup>15</sup>, Freire<sup>16</sup> e Collichio<sup>17</sup>, fomos em busca de algumas fontes importantes.<sup>18</sup> Primeiro, fomos buscar o jornal *O horizonte*, publicado em 1872, que, segundo Freire,<sup>19</sup> tinha Guedes Cabral como um de seus integrantes. Consultamos alguns números deste jornal, entre os meses de agosto e outubro de 1872, e descobrimos que esse periódico já estava em luta aberta com a Igreja Católica três anos antes da recusa. Resolvemos, então, consultar o jornal que, segundo Blake,<sup>20</sup> havia atacado Guedes Cabral de forma mais intensa, *A chronica religiosa*. Diante do novo encaminhamento do projeto, optamos por analisar o discurso desse jornal alguns anos antes da recusa, particularmente, em períodos próximos àqueles em que o jornal *O horizonte* estava em funcionamento. Por esse motivo, consultamos alguns números publicados entre junho de 1872 e junho de 1873.

Para nossa surpresa, as dificuldades de conseguir jornais dos anos de 1875 e 1876 terminaram por possibilitar uma melhor compreensão dos motivos da recusa. Passamos a assumir que as disputas entre Guedes Cabral e a Igreja

Católica, que, de acordo com o doutorando, foi a responsável pela recusa de sua tese, não haviam surgido com o episódio da recusa, mas eram, antes, disputas mais antigas.

Resolvemos, então, procurar explicações na história de vida do doutorando e terminamos por descobrir que seu pai, de quem herdou o nome, foi também um homem de ideias avançadas para a época. Era republicano e positivista convicto. Esse personagem, assim como seu filho, também sofreu diversas perseguições políticas e religiosas durante sua vida, vindo a falecer em 1871, apenas um ano antes de o filho ajudar a fundar o jornal *O horizonte*.<sup>21</sup>

Uma outra fonte de consulta que se mostrou muito útil foram os jornais de divulgação científica da época. Consultamos alguns números do *Instituto acadêmico*, do *Norte acadêmico* e de *O incentivo*, entre junho de 1874 e setembro de 1875. Alguns desses jornais, a exemplo do *Instituto acadêmico*, se diziam representantes das ideias correntes na Faculdade de Medicina da Bahia. Essa escolha possibilitou o acesso a uma das informações mais importantes conseguidas neste trabalho, a presença de um discurso contra e outro discurso a favor do ensino do materialismo na Faculdade de Medicina.

Por fim, consultamos no Memorial de Medicina da Universidade Federal da Bahia a tese *Categoria organo funcional do cérebro*, escrita em 1876 pelo doutorando João Ferreira de Campos, que pretendia ser uma resposta espiritualista à tese de Guedes Cabral. Tentamos, mesmo sabendo das dificuldades e dos riscos dessa empreitada, comparar as duas teses e dar uma ideia geral da resposta espiritualista.

### 3. Domingos Guedes Cabral (o pai)

48

Inicialmente, vamos falar um pouco sobre outro Domingos Guedes Cabral, homem também lembrado com respeito e admiração por todos aqueles que falam da propaganda republicana no Brasil Imperial. Difícilmente alguém poderá estudar a busca de transformar o Brasil em uma República sem encontrar o nome do pai do jovem médico baiano (de quem herdou o nome e a combatividade política) ligado a muitas dessas lutas.

Domingos Guedes Cabral (pai) nasceu em 4 de julho de 1811 em Pelotas, antiga província de São Pedro do Sul, vindo a falecer na cidade da Bahia (atual Salvador) em março de 1871. Era filho do português Antônio Guedes Quinones de Mattos Cabral e de dona Nana Rita do Carmo Cabral. Nascido na cidade da Bahia em 29 de outubro de 1852, o jovem médico foi seu segundo filho com dona Faustina Maria do Nascimento. O casal teve outros cinco filhos, Virgínia, Laura, Adelaide, Sophia e Aristides Guedes Cabral.<sup>22</sup>

Segundo Sacramento Blake,<sup>23</sup> Domingos Guedes Cabral (pai) recebeu de seu pai apenas “os primeiros rudimentos da educação literária”, sendo enviado à Bahia para dedicar-se ao comércio. Ao que parece, logo conseguiu lugar de destaque nessa área, sendo guarda livro de “uma importante casa”. Entretanto, este não era o caminho por ele pretendido, que logo abandonou o emprego e foi buscar “nas letras” sua realização profissional. Utilizando alguns poucos recursos que o pai pôde fornecer, fez um curso de humanidades e ingressou no magistério mediante concurso.

Sua crença na República teria feito com que direcionasse sua carreira também para o jornalismo, colaborando inicialmente com a propaganda republicana da época e tornando-se, logo em seguida, criador e redator de importantes jornais de oposição ao Imperador.<sup>24</sup> Ainda de acordo com Blake, o jornalista teria renunciado a ser deputado provincial porque “não podia pela palavra oral fazer tanto, como pela palavra escrita”. A partir da dedicação a essa causa, teria sofrido “desgostos e injustiças até dos amigos” e começou a se separar da luta, “até que se voltou de todo à vida particular”.<sup>25</sup> Entre os anos de 1836 e 1842, escreveu no jornal *O Democrata* e, de 1842 a 1850, escreveu no *Guaycuru*, este último um dos mais combativos e críticos jornais do período, tanto que o Dr. Borges da Fonseca teria afirmado que “si cada Província tivesse um Guaycuru, a República entre nós seria questão de dez anos”.<sup>26</sup> Para Carvalho,<sup>27</sup> este teria sido o primeiro jornal francamente republicano da Bahia.

Blake<sup>28</sup> nos informa que Guedes Cabral (pai) teria escrito *A política e os políticos*, obra que se manteve inédita. Esse livro teria sido confeccionado no momento em que o autor se desiluiu com a política e passou a observá-la por um novo ângulo. Após sua retirada da cena intelectual brasileira, temeu que esse livro ajudasse a criar um clima de perseguição para seus filhos, resolvendo, assim, destruir a obra. Ao que parece, apenas uma parte dessa empreitada foi bem-sucedida, já que alguns fragmentos do livro permaneceram nas mãos de seu filho de mesmo nome. Como afirma Blake:

*A Política e os Políticos ficou inédita, ficou inédita essa obra, escrita quando o autor, desiludido, pôde bem apreciar os caracteres políticos. Sei que um dia, revendo ele alguns fragmentos, viu que iria deixar à seus filhos um legado de perseguição, e então inutilizou-os. Boa parte, porém, do livro ficou e existia em poder de seu filho de igual nome; com a morte deste não sei onde foi parar.*<sup>29</sup>

Como pode ser percebido, temos dois Guedes Cabral dispostos a tudo para empreender mudanças no campo social brasileiro. O primeiro sabia muito bem o que esperava seus filhos, tanto que evitou uma última afronta aos poderes constituídos, mantendo seu livro inédito. O que ele não sabia era que, no futuro, seu nome seria lembrado não só através das lutas que empreendeu e das perseguições que sofreu, mas também porque seu filho teria brilho próprio e também uma forte capacidade de manter-se envolvido em embates nos campos intelectual, social e político. Quando, em 1871, Domingos Guedes Cabral (pai) veio a falecer, deixando assim o campo de batalha, o filho assumiu seu posto. E, no ano seguinte, já estava escrevendo no jornal *O horizonte*, que, além de propaganda republicana e contra a religião católica, ainda procurava fortalecer um discurso de classes, incitando os trabalhadores a buscarem seus direitos.

## 4. A era dos jornais

Apesar de todas as restrições impostas pelas leis brasileiras à imprensa no período Imperial, principalmente no que dizia respeito às dificuldades de comprar materiais para produzir as publicações, os jornais encontraram campo fértil no Brasil novecentista. Encontramos diversos periódicos de divulgação científica, culturais, políticos e religiosos no período. Mesmo os jornais de propaganda contrária ao governo, como aqueles dirigidos pelo pai de Guedes Cabral, encontraram aqui campo fértil para seu desenvolvimento. Outro tipo de periódico bastante comum no período foi o de divulgação científica e cultural. Desde a chegada da família real ao Brasil, começaram a circular jornais preocupados com a divulgação científica.<sup>ad</sup> A partir dos anos de 1870, diversos periódicos brasileiros se encarregavam de divulgar as ideias científicas que corriam pela Europa. Como muitas dessas ideias eram assumidamente materialistas, religiosos brasileiros reagiram, fundando jornais religiosos.

### 2.1. A *chronica religiosa*

A *chronica religiosa* foi um dos jornais que mais atacou Guedes Cabral após o episódio da recusa de sua tese inaugural. Não enfocaremos aqui, entretanto, as edições de fins de 1875 e começo de 1876, nas quais a discussão sobre *Funções do cérebro* teve lugar. Nosso interesse é examinar qual a natureza deste periódico, buscando perceber se a batalha entre Guedes Cabral e o jornal já podia ser visualizada mesmo antes do episódio da recusa, em 1875. Como o próprio nome já deixa claro, tratava-se de um periódico que pretendia defender os interesses da fé católica em nosso país. Os motivos que justificam a necessidade de defesa são muitos: jornais de propaganda republicana, jornais ligados à Maçonaria, periódicos de defesa dos direitos dos trabalhadores, periódicos de divulgação científica que traziam ideias materialistas, e, principalmente, ataques diretos ao papa Pio IX em quase toda a Imprensa. Os jornais católicos tinham um leque imenso de desafetos a enfrentar.

Logo na página inicial, o jornal avisava que era de “propriedade de uma associação”, deixando claro que não pertencia a um único dono. Em seguida, encontramos referência aos seus objetivos principais: tratava-se de um “periódico consagrado aos interesses da religião”. As diversas matérias consultadas por nós, nos anos de 1872 e 1873, fazem referência ao episódio da questão dos bispos. Em quase todos os artigos e editoriais, o bispo do Pará aparece como um grande herói, que pretendia defender o país da desordem que havia tomado conta da Europa e que, segundo o jornal, começava a instalar-se no Brasil. Neste período, era muito comum os jornais discutirem e apresentarem artigos que haviam sido publicados em outros estados. Apresentamos abaixo um trecho de um artigo publicado no Pará, que *A chronica religiosa* reproduz e critica. Nessa citação, encontraremos boa parte dos inimigos que o periódico católico precisava enfrentar, assim como evidências de seus interesses em defender a forma de governo implantada no país:

*O sr. Bento Aranha sai no jornal do Pará n. 110 e declara ao Império todo que há sim um clube popular beneficente, sociedade pública e bem pública para manter a ordem, guardar a justiça, zelar o Direito e a Lei, proteger as classes operárias, os lavradores e os empregados do comércio, derramar a instrução e a caridade pelos seus associados e pugnar pela liberdade de consciência e pela moral.*

*Eis pois que já temos no Império as avançadas desse grosso do exército que a Maçonaria não é senão a vanguarda.*

*A Internacional plantou suas primeiras barracas. Certas de que tem entre as mãos o governo, trata de lançar quanto antes as bases de sua constituição que muito breve terá de deitar por terra à do país que atreve-se a sustentar único uma forma de governo excepcional, singular, no vasto continente americano! (A chronica religiosa, 22/06/1873).<sup>31</sup>*

Nesse trecho, podemos ver quais eram alguns dos grandes inimigos da fé cristã naquele momento, aos quais era preciso fazer frente, visto que estariam ganhando terreno em diversos meios letrados do país. Os jornais católicos pretendiam encampar uma guerra contra a Maçonaria, os comunistas, os protestantes, os republicanos e todos os pensadores materialistas. Para representar o tipo de batalha que os religiosos e seus jornais tinham pela frente, vamos examinar outro jornal do começo dos anos 1870, *O horizonte*, escolhido por sua conexão com nosso personagem, Domingos Guedes Cabral (filho).

50

## 2.2 *O horizonte*

Ao examinar uma série de editoriais de *O horizonte*, concluímos que esse jornal possivelmente era inspirado em ideias também defendidas pelo jornalista e futuro médico baiano Domingos Guedes Cabral.<sup>32</sup> Infelizmente, não conseguimos encontrar um editorial que tenha sido assinado pelo doutorando. Uma análise do discurso encontrado nos editoriais a que tivemos acesso mostra uma notável semelhança com o texto apresentado em *Funções do cérebro*. Em alguns momentos, o texto é tão parecido que estamos convencidos, embora sem conseguir evidência mais confiável, que ao menos parte dos editoriais foi escrita pelo estudante de medicina. A isso soma-se o fato, este apoiado em evidências independentes da análise dos editoriais, de que Guedes Cabral era um dos responsáveis pelo jornal.<sup>33</sup> De qualquer modo, saber se foi ou não Guedes Cabral quem escreveu ao menos parte dos editoriais não é o mais importante; o que importa realmente é perceber que ele fazia parte de um grupo que possuía discurso próprio e, mais do que isso, que esse discurso também se fazia refletir em sua tese inaugural, o que pode iluminar, como argumentaremos mais abaixo, as razões de sua recusa.

A partir do exame de *O horizonte*, podemos dizer com segurança que Guedes Cabral não estava sozinho em seu projeto de atacar a religião do estado e tentar promover mudanças na sociedade brasileira usando a ciência e a educação como molas propulsoras. Tentar mudar o Brasil era uma questão com a qual a família Guedes Cabral estava acostumada e disposta a se envolver, e, na medida em que estava envolvido na criação de um jornal engajado na luta

republicana, o jovem médico encontrava apoio também para além de sua família. Entretanto, não encontramos nos jornais consultados nenhum possível apoio a ideias que, como queria o doutorando, atentassem contra a figura de um Deus criador. Possivelmente, este é o momento em que Domingos Guedes Cabral ficou sozinho em sua luta.

O projeto de *O horizonte* era combater firme e abertamente o regime monarquista. Em todos os números consultados, encontramos críticas abertas à figura do Imperador e de seus ministros. Em um dos editoriais, encontramos comparações entre o Brasil e outros países da América: “A América hoje é republicana, norma agendi (sic) da ideia livre, nós... somos o ponto negro da carta geográfica do continente, somos uns turcos morais, raça escravocrata e indolente” (*O horizonte*, 16/08/1872). Logo em seguida, busca-se atingir um segundo alvo, mexendo-se na delicada questão das vantagens de que o clero católico desfrutava, o que mostra que eram muitas as frentes de batalha do jornal, assim como em sua tese inaugural Guedes Cabral também se engajou em várias lutas ao mesmo tempo:

*A realeza faz-nos cada galantearia de pasmar! O jesuíta, o frade, o padre cachaçudo e sórdido (colonização do partido que está no poder) abrem escolas, governam seminários, educam e não pagam direitos de exportação por santos de gesso, cruzes de madeira, rosários, livros de reza, e...a arte tipográfica paga pesado tributo dos seus utensis (sic); as bibliotecas minguam pelo fabuloso peso dos livros, por causa dos direitos e o espírito público não lê, nem estuda pelo enorme custo da imprensa, consequência da tarifa sobre o papel! [...] É chegado o tempo de reagir! (O horizonte, 16/08/1872)*

As críticas presentes em jornais republicanos tornavam praticamente obrigatória uma resposta dos jornais que davam sustentação à fé cristã no país. No primeiro trecho citado, temos, por exemplo, uma crítica à forma de governo que se desenvolveu aqui no Brasil, que, segundo o jornal, era imoral, atrasada e escravocrata. Na maioria das vezes, o referencial de comparação nessas críticas eram os Estados Unidos, que, naquele momento, já haviam enfrentado o problema da escravidão e era protestante. No segundo trecho citado, temos um exemplo de uma situação ainda mais complicada. O jornal comprava uma briga com as vantagens que o governo oferecia aos religiosos católicos, e, mais, afirmava ser preciso reagir ao projeto de manter as classes menos abastadas longe da educação, que, conforme é largamente sabido, era a mola mestra das mudanças sociais que os intelectuais brasileiros da década de 1870 pretendiam realizar.<sup>34</sup> Este era um dos motivos para eles discutirem a necessidade de baratear os custos de produção da imprensa no país. Uma imprensa menos custosa significava a possibilidade de atingir parcela maior da população, num esforço que era entendido como parte de um processo de educação da população brasileira.

O horizonte não era um jornal de baixa circulação, o que mostra a existência de um contingente significativo de pessoas interessadas nas ideias que eram nele apresentadas. No jornal do dia 16 de agosto de 1872, obtivemos a informação de que a tiragem do jornal foi de 1000 exemplares, sendo 710 de assinaturas. Nesse mesmo dia, somos informados de que o jornal estava reduzindo à metade o seu preço, com a finalidade de atingir as “diversas classes”. Com essa medida, pretendia-se aumentar em mais duzentos o número de assinantes. O projeto parece ter surtido algum efeito, visto que, no dia 8 de outubro do mesmo ano, somos informados que as assinaturas passaram de 710 para 832.<sup>35</sup>

Embora apareçam comparações entre a educação oferecida no Brasil e em outros países, a exemplo dos Estados Unidos, não devemos pensar que estamos diante de um grupo interessado em defender direitos de países estrangeiros; antes pelo contrário, tratavam-se de ultra-nacionalistas. Algumas das bandeiras defendidas pelo jornal pareciam alinhadas ao marxismo, embora não tenham sido encontradas referências explícitas a Marx ou a outros pensadores relacionados às suas ideias nos números consultados. Encontramos indícios desta aproximação, por exemplo, num “ineditorial”, que saiu em outro jornal baiano, *O artista*, oito dias antes, e foi reproduzido na íntegra no *Horizonte*. O texto, intitulado “Aos artistas”, defendia, de forma dura, a união dos diversos “artistas nacionais” para enfrentar a exploração a que os países estrangeiros submetiam os diversos trabalhadores do Brasil. Neste mesmo dia, temos outro editorial, intitulado “A liga dos artistas”, que desenvolve o mesmo tipo de argumentação na defesa dos direitos dos trabalhadores. Apresentaremos dois fragmentos desses artigos, publicados em 16/08/1872, que podem dar uma ideia de que os medos acerca dos “perigos” da Internacional expressos na *Chronica religiosa*, no ano seguinte, não eram de todo infundados:



*[...] O que nos falta para ver nossas artes entregues a nós? Isto teremos se triunfamos. [...] não vedes que só do estrangeiro nos vem tudo, e que somos apenas o instrumento de suas fortunas? Não vedes que o alfaiate, o marceneiro, o ourives, o sapateiro, e tantas outras artes vivem à margem do favor do estrangeiro com suas manufaturas, ao passo que nós vivemos a mendigar o pão para nós, nossas mulheres e nossos filhos!*

*É tempo de nos levantarmos compenetrados de nossos direitos, inspirados nos sãos princípios da dignidade humana, para que conquistemos na sociedade a justa parte da influência que nos cabe exercer. Quando em todo o Mundo as classes operárias se agitam, e congregam-se num só pensamento – vindicar no governo de seus países; porque continuaremos, nós artistas brasileiros em posição inferior, junto às outras classes? Continuar na apatia e desconhecimento dos nossos direitos, seria apodrecer na escravidão! Unidos seremos respeitados, e divididos, ludibriados. (O horizonte, 16/08/1872)*

Esses trechos apontam para uma outra arena em que Guedes Cabral e seu grupo combatiam quando defendiam a República: a questão dos direitos dos trabalhadores. A busca de enfrentar as dificuldades dos “artistas” brasileiros levava também o grupo a que pertencia Cabral a atacar outros países que buscavam retirar riquezas da pátria. Dessa forma, temos um grupo que, embora usem outros países como exemplos para suas bandeiras de luta, não está disposto a defender os interesses de nenhum outro país dentro do Brasil.

No jornal do dia 20 de agosto, são expostos esses mesmos questionamentos, mas encontra-se também uma defesa da necessidade da criação de um novo partido, que deveria ser denominado “Partido Popular”. Pedem-se providências contra a conduta de religiosos estrangeiros. Critica-se a religião do estado e a monarquia. E defende-se a liberdade para os “padres evangélicos”. Neste dia, é divulgado um artigo que informa aos leitores como seriam esses “representantes de Deus”: Os protestantes seriam bons, justos e indulgentes com seus semelhantes, e pregariam essas virtudes em todos os locais em que fossem falar. O artigo pretende “desmascarar” o Papa e os Bispos, estes dispostos a excomungar todos aqueles que discordassem de suas ordens. Pergunta o artigo:

52

*Cristo ensinou alguma vez aos seus ministros que empregassem os meios mais subversivos para fazerem com que o povo aborreça e conspire contra as instituições liberais? Cristo manda que o seu ministro assenhore-se da consciência fraca e tímida da mulher como depositária dos segredos da família? Cristo ensinou que seu ministro vociferasse como energúmeno contra o povo, por obedecer às autoridades constitucionais constituídas? Cristo pregou o fanatismo e a superstição? [...] professo esses princípios de coração e na grande luta que já está travada veremos quem vence, pelos que combatem por Cristo governando o Papa pelo seu evangelho, ou os que combatem pelo Papa, suplantando Cristo pelo seu Sillabus (O horizonte, 20/08/1872).*

O autor dessas duras palavras contra o catolicismo é o padre Guilherme Dias, possivelmente, um dos muitos padres excomungados no Brasil após a primeira metade do século XIX, por envolvimento com cultos protestantes. Todos aqueles que estivessem dispostos a atacar o catolicismo e o Papa Pio IX pareciam ser bem vindos em *O horizonte*. Ademais, Guedes Cabral usaria em sua tese, três anos mais tarde, um discurso de um religioso no campo da arqueologia.<sup>36</sup> Caso o representante de Deus estivesse disposto a render as devidas homenagens à ciência e ao progresso, seria bem vindo, principalmente se tivesse coragem de atacar o Papa.

Dois meses depois, no dia 8 de outubro, encontramos, na parte onde eram comentados os jornais de outros países, um artigo de um religioso francês cujo título já permite compreender os motivos para que circulasse na folha republicana, “O casamento do Padre Jacintho”. Esse artigo, que o editor afirma que deve ser lido por todos, se refere àquele padre como um homem de “consciência pura” e “espírito superior”. Segundo o editor, combater o celibato ajuda a moralizar o clero e a evitar escândalos. Para Jacintho, o que deveria provocar reprovação não era o casamento, mas o pecado. Para ele, “o erro de Lutero não consistiu no casto e piedoso casamento” dos ministros religiosos, mas em não ter possibilitado a manutenção da unidade da Igreja.

Nesse mesmo dia, temos um editorial que, embora não assinado, apresenta diversas características da escrita de Guedes Cabral. Nele, encontramos os motivos para os padres rebelados receberem apoio para divulgarem suas ideias

no jornal. *O horizonte* pretendia ser a “verdadeira folha do povo”, estando suas colunas sempre abertas para todos aqueles que “tenderem aos interesses do povo”. Para esse fim, utilizariam todos os meios, “prestando-se gratuitamente a dar a mão ao direito desprotegido, e à pobreza ultrajada”. Encontramos, também, um ataque feroz aos jornalistas que defendem a monarquia. Segundo o editorial, os defensores do Imperador não possuem coragem para enfrentar os republicanos e terminam caindo em uma “mudez” total.

*O horizonte* discute, então, um artigo publicado em um jornal de defesa do governo, que, segundo os editores, valia a pena enfrentar. Por este motivo, ainda segundo eles, o jornal *A república*, periódico que atacava a monarquia, se preparou para responder o artigo, já que o jornal governista, na ótica dos republicanos nacionais, “oferecia um combate nobre”. Entretanto, para a surpresa de todos, “o artigo era um plágio vergonhoso, miseravelmente arrancado às colunas de um jornal europeu”. *A república* resolveu, então, apresentar os dois artigos juntos para que a população pudesse confirmar a falta de argumentos e o crime cometido por aqueles que defendiam a bandeira da monarquia.

Diversos artigos deixam claro que os redatores do *Horizonte* pretendiam fazer chegar aos menos favorecidos as ideias mais complexas do campo científico, apresentando-as de forma clara e acessível a todos os leitores. Esta mesma intenção pode ser encontrada em *Funções do cérebro*. Ela fica particularmente clara em artigo publicado em 08/10/1871:

[...] reproduziu em nossas colunas a importante obra do eminente escritor francês – Lamennais, - escrita em **linguagem clara e acessível a todas as inteligências**, e na qual muito tem a aprender a população. As verdadeiras teorias, próprias a encaminhar o espírito ignorante do povo no **trilho da felicidade** – acham-se aí espalhadas do modo mais brilhante e eficaz. Leiam-no com atenção todos os homens do país, e nenhum haverá que depois da última linha não sinta uma nova luz a esclarecer-lhe a razão (*O horizonte*, 08/10/1871, grifos nossos).

Uma questão importante no exame do *Horizonte*, que aparece tanto no fragmento citado acima quanto em diversos outros artigos, é a crença no futuro. Os artigos procuram evidenciar que, em um futuro próximo, o país passaria por mudanças profundas e, mesmo nos casos em que admitem que, talvez, não consigam ver com os próprios olhos essas mudanças, garantem que elas seriam realidade para “as gerações vindouras”. No artigo “A força governamental”, de 08 de outubro de 1871, temos uma discussão bastante interessante sobre política, em que o autor reafirma sua crença nas mudanças pelas quais o Brasil passaria. Avisa que não há necessidade de se precipitar, porque a própria “natureza das coisas” se encarregaria de ordenar tudo. A natureza também “revolta-se quando a ação é reprimida” e “a pressão faz sentir seus efeitos não só no homem, como em todos os seres”. Conclama seus compatriotas à luta, para que “essas ideias retrógradas” sejam vencidas, “para que não mais surjam no meio de uma sociedade que caminha”. O autor deste artigo acredita que a batalha é justa e que será vencida por aqueles que estiverem ao lado da natureza, que caminha, inexoravelmente, para o aperfeiçoamento biológico e social, lembrando de perto afirmações presentes em *Funções do cérebro*.

53

Um exame do jornal republicano *O horizonte*, do qual fazia parte Guedes Cabral, permite ver que não estamos diante de um pensador solitário, mas de um representante de um grupo que procurava empreender uma dura crítica à forma de governo vigente e aos seus defensores, incluindo aí os representantes da religião oficial do estado.

Na próxima seção, trataremos de dois discursos publicados no ano de 1874 em um periódico científico, o *Instituto acadêmico*, que dizia representar ideias correntes na Faculdade de Medicina da Bahia. Nestes discursos, podemos verificar a existência de um embate em torno de ideias materialistas no interior da própria Faculdade. Encontramos ali uma preocupação em torno de ideias de natureza semelhante, porque materialistas, àquelas que Guedes Cabral defenderia no ano seguinte, em *Funções do cérebro*. Isso nos mostra que os embates que encontramos travados em *O horizonte*, *A chronica religiosa* e outros jornais da época têm eco dentro da Faculdade de Medicina, o que traz mais um elemento para compreender o episódio da recusa.

## 2.3 Os dois discursos

O periódico *Instituto acadêmico* apresentava logo em sua primeira página uma informação importante para o público leitor: era um “órgão da Sociedade Instituto Acadêmico” e estava exclusivamente “dedicado à Ciência e à Literatura”. Enquanto os jornais republicanos afirmavam que seu projeto era promover a diminuição da pobreza, lutar por causas justas (como a abolição da escravidão), além de apresentar as mudanças que a República traria para a população, os periódicos de divulgação científica, como o *Instituto acadêmico*, pretendiam apenas divulgar as ideias científicas correntes na Europa. E, mesmo que muitos deles tivessem adotado a crença de que a sociedade mudaria pela via da aceitação e divulgação do conhecimento científico, pretendiam-se neutros. Esta pretensa neutralidade aparecia expressa na página inicial do periódico, antes mesmo do editorial.

Na seção científica do jornal do dia 1 junho de 1874, mais de um ano antes da recusa de *Funções do cérebro*, encontramos um discurso de um professor da Faculdade de Medicina da Bahia contrário à divulgação das ideias materialistas professadas por alguns professores e alunos da Faculdade. Quinze dias depois, no mesmo periódico, era apresentado um discurso de outro professor da Instituição, que, ao que tudo indica, era uma resposta ao primeiro.

### 2.3.1 O discurso contra o materialismo

Na abertura do curso de “Anatomia topográfica e operação” do ano de 1874, o Dr. José Antônio de Freitas discursou na Faculdade sobre algumas novas ideias que tentavam ingressar no Brasil. De início, temos a impressão de que o autor vai defender ideias contrárias à religião em geral, mas, logo em seguida, percebemos que seu projeto é de defender um tipo de ciência e atacar apenas o que chama de “ultramontanismo regressivo”. Ele rende homenagens àqueles cientistas que, com “dedicação e coragem”, mostraram que, para adorar Deus, não era necessário “apagar a lanterna, (a liberdade da consciência) que tem de iluminar a humanidade no escabroso caminho do progresso e perfectibilidade.” Segundo Freitas, embora autores materialistas tenham divulgado ideias que diminuem tanto o lugar privilegiado do homem na natureza quanto a necessidade de um Deus criador, essas ideias não devem ser levadas a sério. Para ele,

*Apesar da propaganda dos materialistas Virchow e outros, que pretenderam e pretendem reduzir o homem a uma simples célula sujeita às forças físicas e químicas, e essas presididas pelo acaso; essa teoria que por momentos ofuscou os que buscam conhecer dos mistérios da organização, hoje tais golpes tem recebido, que viu-se obrigada a recolher-se à seus arraiais: assim devia ser, porque a experiência, a observação e a razão protestavam contra semelhante tendência a tudo materializar, negando o princípio, que preside a organização e desenvolvimento dos seres vivos, assemelhando-o e identificando-o com as leis que regem a matéria inorgânica. [...] não podia deixar de proferir algumas palavras como o mais humilde professor desta academia, como um protesto solene, contra essa doutrina que nos veio da Alemanha, contaminando com sua baba peçonhenta a culta França em seu caminho, e que repercutindo seus ecos chegou até nós, onde encontrou poucos adeptos (Instituto acadêmico, 01/06/1874).*

Esse discurso, que ataca diretamente ideias e autores que serão discutidos no ano seguinte por Guedes Cabral, permite perceber qual era a expectativa e a reação que uma tese materialista como *Funções do cérebro* deveria gerar em parte da comunidade acadêmica baiana da época. Entretanto, esta era apenas parte das expectativas em relação à divulgação de ideias materialistas na Bahia, visto que poucos dias após esse comunicado de Freitas seria apresentada no mesmo jornal uma posição a favor da divulgação de ideias materialistas. Dessa forma, a afirmação feita pelo Dr. Freitas de que essas ideias haviam encontrado “poucos adeptos” na Bahia pode não refletir totalmente a situação real. A tese de Guedes Cabral é um bom exemplo da fecundidade dessa forma de pensar aqui no Império brasileiro. Além disso, existiam na Faculdade de Medicina baiana professores que apoiavam essas ideias “extravagantes”.

### 2.3.2 O discurso a favor do materialismo

No dia 16 de junho de 1874, foi publicado, no mesmo periódico, o discurso pronunciado pelo Dr. J. L. de Almeida Couto, por ocasião da abertura do curso daquele ano de “Matéria médica e terapêutica”, da Faculdade de Medicina da Bahia. Este discurso parece ter a intenção de responder alguns questionamentos presentes no discurso do Dr. Freitas. Contudo, Almeida Couto, ao que parece, não pretendia enveredar em uma polêmica sobre o assunto. Para tanto, procurou escrever um discurso bastante técnico, evitando defesas apaixonadas como aquelas realizadas por seu colega professor de anatomia.

O autor procura evidenciar que o conjunto de mudanças ocorridas na anatomia havia possibilitado diversos desdobramentos no campo da “fisiologia dos medicamentos”, que, por sua vez, haviam começado “a abalar os alicerces da maior parte das velhas teorias”. O desenvolvimento dos estudos da “histologia normal e patológica” teria aumentado cada vez mais a necessidade de novas investigações. Segundo Almeida Couto, os grandes responsáveis por essas mudanças no saber médico da época haviam sido

*Carlos Robin, Fort, Leydig, Frey e outros; ainda pelos importantes descobrimentos de Virchow, Wagner, Bilrhot e demais micrografos (sic) que tem conquistado, por elevado merecimento, a admiração da ciência do mundo [...] então, a fisiologia que há cerca de 40 anos procurava na série complexa dos corpos inorgânicos, apoiando-se hoje em conhecimentos mais positivos dos elementos anatômicos, reconheceu-lhe a vida própria, cuja autonomia somente se perde por obediência a lei fatal da destruição, conforme se verifica, a luz da evidência, pelos perseverantes trabalhos e dedicadas observações de Claudio Bernard, Chief, Herman, Vulpian e outros muitos da plêiade ilustre que forma a legião científica da medicina moderna (Instituto acadêmico, 16/06/1874).*

Em seguida, Almeida Couto fala da importância dos trabalhos de Haller e Cullen, que, de acordo com ele, haviam sido seguidos pelas Escolas da Itália, França, Inglaterra e Alemanha. Quanto ao seu curso, afirma que se esforçará ao máximo para torná-lo “menos árido, mais útil e acessível” aos alunos, sacrificando, inclusive, horários que normalmente dedicava ao trabalho clínico e ao seu próprio descanso, na tentativa de satisfazer seus “deveres” como professor e as “justas exigências” dos alunos. Afirma que, para conseguir realizar esse projeto, tem necessidade de afastar-se um pouco do “plano figurado nos compêndios adotados pela Faculdade”, procurando aproximar-se dos “melhores tratados [no] que for atinente a método, doutrina e correlação da terapêutica com a clínica”. O autor revela sua filiação intelectual e solicita liberdade para os discípulos que queiram seguir o mesmo caminho:

*Antes de terminar devo por lealdade dizer-vos que, **filho da escola livre**, eu me abraço com a liberdade do ensino, tanto quanto desejo que gireis numa esfera larga e ampla, onde vossas opiniões sejam manifestadas e discutidas, sem a menor reserva, e sem que se ressintam elas do menor ressaibo de imposição. Quero, em uma palavra, dentro dos limites traçados pela ciência, **franqueza para os mestres**, como plena **liberdade para os discípulos** (Instituto acadêmico, 16/06/1874, grifos nossos).*

Almeida Couto se dizia representante da “escola livre”. É importante ressaltar que essa mesma denominação foi usada por Domingos Guedes Cabral em *Funcções do cerebro* para referir-se a autores materialistas. Podemos perceber, ao ler o discurso de Almeida Couto, que o doutorando não estava só em sua empreitada materialista. O pedido de liberdade intelectual para mestres e discípulos feito por Almeida Couto deixa subentendido que alguns trabalhos usando ideias materialistas estavam em curso na Faculdade. Acreditamos que, para Guedes Cabral enveredar por um caminho tão perigoso, mesmo para um professor da Faculdade, como sugere o discurso de Almeida Couto, deveria existir um grupo dando apoio a essas ideias na própria instituição.

No caso de Guedes Cabral, as disputas pareciam já estar em andamento havia muito tempo, como sugere o exame de *O horizonte*. Parece-nos que o ápice destas disputas foi a recusa de *Funcções do cerebro*.

## 2.4 O confronto sobre o materialismo em outros jornais da época

Na edição do jornal mensal *O Incentivo*, em setembro de 1874, encontramos um artigo do Dr. Ribeiro da Cunha, intitulado “A Medicina”. O autor, embora reconheça a importância da medicina e defenda o seu progresso, argumentando inclusive que Comte estava com razão em sua crença em um futuro melhor, enfatiza que Deus é “o grande arquiteto do Universo”. O autor ataca as ideias de Herbert Spencer e define o médico como um intérprete das ideias de Deus.

Em um outro periódico, o *Norte Acadêmico*, que se apresentava como “o jornal da Faculdade da Bahia” e circulava duas vezes por mês, tendo como redatores os Drs. Victorino Pereira, Ferreira de Campos<sup>37</sup> e Aureliano Garcia, podemos ter acesso ao pensamento intelectual dominante na Faculdade de Medicina da Bahia naquele momento. O editorial de abertura publicado na primeira quinzena de setembro de 1875, sem assinatura do autor, começa tratando da alma humana. Segundo o editorial, a filosofia não aceitava que “fosse a alma uma modalidade passiva, não compreendendo o homem sujeito em absoluto à zoonomia de Darwin”. Seguindo a trilha das críticas a algumas ideias correntes na Alemanha, diz:

*Era lá que Kant expandia seu gênio, e fazia admirar as bases em que firmava as suas teorias sobre a razão pura, que se erguia Goeth (Sic) e Schiller; e atirava a mocidade em saltos aos abismos da desesperança e do crime. Goeth compo o Werther, fazia a apoteose do suicídio, e depois zombava dos incautos, atacando-o na aprendizagem de Meister. E era então como o gênio do mal, esse Mephistopheles que pintou depois no Fausto, a aceder aos anseios dos corações fracos, para rir-lhes depois lançado a ironia de escárnio! (Norte Acadêmico, 09/1875)*

O autor se preocupa com as “vantagens” e os “perigos” que podem advir com a liberdade que a imprensa possui para afirmar qualquer coisa. Ele acredita que um “observador social” é capaz de perceber se uma nação está ou não adiantada vendo o estágio de desenvolvimento de seus jornais. Para ele, o Brasil estaria bem situado nesse quesito.

56

O artigo é longo e procura, sempre que possível, combater as teorias materialistas. Como Goethe é um dos representantes mais ilustres do materialismo, será também o mais atacado. O texto desse editorial parece muito com algumas passagens da tese produzida por João Ferreira de Campos contra ideias que vemos representadas na tese de Guedes Cabral. O autor usa o mesmo tipo de discurso poético sobre a natureza usado por Ferreira de Campos, para justificar sua fé em um Deus arquiteto. Ele procura mostrar que o Brasil é um país abençoado pelo criador:

*[...] No Brasil, iluminado pelo ardoroso sol tropical, criado pela natureza com carinho, dotado por Deus com a mais luxuosa de vegetações, a mocidade se não podia deixar adormecer na modorra da indiferença e da incúria. A cada instante surge a inspiração – florzinha mimosa, da viração que com ela brinca, do ruir da corça arisca, do cantitar melodioso do passarinho no bosque, do fragor da onda que quebra no penhasco, da própria natureza até, onde dir-se-ia ter Deus escolhido sua mansão [...] toca-os o desalento, mata-os a descrença? Talvez: o que é certo, porém, é que nós não temos o direito de fraquejar, não devemos descrever. Seria um como que suicídio lento, uma negação a todo sentimento, um ateísmo impossível, quando estamos na plenitude da vida, afagados pelos encantos da pátria e de Deus. (Norte Acadêmico, 09/1875)*

Após atacar os teóricos alemães, que considerava os legítimos representantes do materialismo, o autor, curiosamente, defende a necessidade de divulgação de novas ideias. Para ele, os estudantes terminam tendo acesso apenas aos compêndios e, por este motivo, só conseguem acessar as novas informações científicas muitos anos depois. Portanto, pretende contribuir para mudar este quadro procurando “verter à língua vernácula o que houver de mais importante nos jornais que pudermos obter”. Acredita que a literatura e a poesia são de um “cultivo proveitoso e cheio de atrativos”, possibilitando um “amplo desenvolvimento das faculdades do homem”. Entretanto, avisa que o jornal não dirá nenhuma palavra sobre política. O periódico se diz intérprete dos interesses da Faculdade de Medicina da Bahia e não pretende misturar ciência com política. E mais, a ciência que pretende discutir é aquela que aceita Deus como o “grande arquiteto do universo”. Como vemos, Deus também possuía soldados na Faculdade de Medicina da Bahia, dificultando ainda mais a guerra que Guedes Cabral pretendia empreender.

Por fim, temos uma notícia vinculada no jornal conservador *Vinte e cinco de Junho*, em abril de 1876,<sup>38</sup> que pretendia atacar o *Diário da Bahia*. Nesta notícia, chamava-se a atenção do *Diário* para a necessidade de uma maior proximidade com o lado conservador. Entretanto, segundo o editorial, era necessário lembrar que *O Diário da Bahia* havia andado em “má companhia” em outros tempos: “Lembra-se o Diário do célebre ‘Horizonte’, jornal criado em uma tipografia mandada vir de propósito para plantar a república; e que escrevia contra a monarquia e a pessoa do nosso Imperante [...]”. Esta notícia saiu apenas alguns meses após a recusa de *Funcções do cerebro* e podemos ver nela que *O horizonte* não fora um jornal que passara em vão. Ele havia chamado a atenção por suas posições, merecendo uma atenção crítica que foi provavelmente relevante no episódio da recusa da tese do doutorando Domingos Guedes Cabral, que tivera um papel importante naquele veículo da imprensa.

Estávamos diante de um confronto em que, a qualquer momento, batalhas antigas, como as empreendidas pelo jornal *O horizonte*, poderiam ser retomadas. Ser acusado de liberal, positivista, republicano etc. podia trazer até um certo prestígio para o intelectual. Será que o mesmo se dava com as acusações de ateu, como as que eram feitas a Guedes Cabral? Acreditamos que não.

Os religiosos fizeram frente às ideias de Guedes Cabral durante toda sua vida intelectual. Empreenderam uma luta sem trégua contra as ideias republicanas, anti-monarquistas e anti-clericais dos dois Guedes Cabral, enfrentaram a ira que os dois pensadores dispensaram à religião católica e tiveram de enfrentar a última afronta do jovem Cabral – a busca de “provar que Deus não existia” em sua tese recusada. Nesse caso, não era só a Igreja Católica que estava ameaçada. Os “metafísicos”, como diria Cabral, precisavam enfrentá-lo em seu próprio campo de batalha, necessitavam de alguém que, usando o discurso da ciência, “provasse” a existência de Deus. O homem escalado para essa missão foi o doutorando João Ferreira de Campos, que apresentou em 1876 a tese *Categoria organo funcional do cerebro*, que passaremos agora a examinar.

### 3. A tese rival

Em 30 de setembro de 1876, era aceita como tese inaugural pela Faculdade de Medicina da Bahia o trabalho *Categoria organo funcional do cerebro*, escrito pelo doutorando João Ferreira de Campos. Essa tese era uma resposta religiosa às ideias apresentadas no ano anterior por Domingos Guedes Cabral, em sua tese *Funcções do cerebro*, recusada pela Faculdade. A tese de Campos está organizada da seguinte maneira: título “Funcções do Cerebro” e, em seguida, os capítulos, I. Categoria Organo Funcional do Cerebro; II. Estudo Anatômico do Cerebro; III. Histologia do Cerebro; IV. Química do Cerebro; V. Anatomia Comparada do Cerebro; VI. Cerebro e Ação, a) impressão, b) transmissão, c) percepção, sensação e sentimento, d) ideias e memória, e) instinto e inteligência, f) determinismo da função motriz, g) movimentos instintivos e voluntários, h) linguagem; VII. Seção Médica: Das Raças; VIII. Seção Accessória: Estudo Chimico do Phosphoro; IX. Seção Cirurgica: Monstruosidades Fetaes; X. Aphorismos.

Possivelmente, esse trabalho começou a ser confeccionado antes mesmo de *Funcções do cerebro* ser recusada. Isso é sugerido pela quantidade de autores e ideias discutidas por Campos em sua tese. Como já mostramos antes, Guedes Cabral não era um desconhecido nas disputas ligadas à religião. É possível, assim, que seus inimigos no campo intelectual estivessem esperando os ataques encontrados em sua tese inaugural. A tese de Campos responde a estes ataques, contrapondo-se às visões positivistas, materialistas e evolucionistas presentes no texto de Guedes Cabral.

De acordo com Castro,<sup>39</sup> um dos momentos mais importantes para muitos doutorandos era o começo da tese, onde os doutorandos faziam agradecimentos e apresentavam suas famílias. Nesse momento, mesmo aqueles alunos que não concordavam com a ideia de serem obrigados a escrever um trabalho de conclusão de curso ficavam felizes em mostrar para a sociedade baiana, pelo menos para aquele pequeno grupo que sabia ler, que eram doutores formados pela Faculdade de Medicina da Bahia. Campos, no entanto, tinha motivos mais específicos para usar bem esse espaço: ele precisava mostrar quais eram as pessoas que estavam dando suporte ao seu trabalho intelectual, além de

homenagear sua família. Ele começa seus agradecimentos lembrando que é filho do capitão Vicente Ferreira de Campos (já falecido) e de dona Umbelina de Borba Campos, e dedica a tese à memória de seu pai. Afirma a existência da vida eterna, do Paraíso, e manifesta sua convicção de que encontrará com o pai no futuro, quando despertarão do “sono eterno e nossas almas beijar-se-ão em íntima transfusão de saudade, de amor e de alegria”.<sup>40</sup> Faz referência à mãe e, em relação a si mesmo, afirma que, “forte pela fé e pela crença no trabalho e na religião da honra e da dignidade, conquistei uma posição modesta, mas cujas glórias falam bem alto aos olhos de Deus e da consciência -, duplo fanal que me há de me guiar na vida”.<sup>41</sup> Em seguida, cita os nomes de alguns amigos que o incentivaram em sua jornada intelectual: Boaventura de Cerqueira e Silva, Fellipe Rodrigues Monteiro, Dr. Antônio Garcia Pacheco Brandão, Bellarmino Barreto, Sílio Boccanera, Dr. Manuel Luiz Azevedo de Araújo, Dr. Manuel Joaquim Saraiva e Henrique Ferreira Pontes.<sup>42</sup>

O mais estranho é encontrarmos o nome de Bellarmino Barreto no elenco de pessoas que estavam apoiando uma tese que exibia claros compromissos com a fé católica. Barreto foi um dos jornalistas que atacou Guedes Cabral após a recusa de *Funções do cérebro*.<sup>43</sup> De acordo com Vieira,<sup>44</sup> Barreto esteve muito próximo dos protestantes na década de 1860 e “foi redator de um jornal violentamente anti-clerical chamado *O farol*”. Além disso, teve um papel importante nos ataques contra a Igreja Católica, quando era redator do *Diário da Bahia*, durante a “Questão Religiosa”. Em relação aos ataques a Guedes Cabral, podemos explicá-los com base na informação, que encontramos em Vieira,<sup>45</sup> de que “Barreto foi um dos primeiros espíritas da Bahia que se colocou a serviço da liberdade de culto”.<sup>46</sup> Barreto parecia mais interessado em atacar o clero católico. Guedes Cabral, por sua vez, dirigia seus ataques à própria ideia de um Deus criador. O que não tem explicação tão direta, em princípio, é o fato de encontrarmos o nome de Barreto apoiando uma tese de inspiração católica. Isso poderia ser explicado, contudo, por meio de alguma relação entre Campos e Barreto da qual não temos conhecimento, ou, mais remotamente, por um possível alinhamento deste último com outros espiritualistas em defesa da ideia de um Deus criador, combatida na tese de Cabral.

Após apresentar seus familiares e amigos, Campos inicia a tese, que pretende desvendar o cérebro humano. Antes de intitular o primeiro capítulo, coloca uma chamada inicial que faz uma clara alusão ao trabalho que pretende combater. Começa com o título “Funções do Cérebro” e, em seguida, passa ao primeiro capítulo, que tem o mesmo nome da tese. Nas páginas iniciais, temos a impressão de estar diante de um pregador católico. Refere-se à ciência como sendo “o pedestal em que se ergue o homem fascinado pelo ima da verdade” e afirma que “o gênio é a sombra de Deus”.<sup>47</sup> Campos procura colocar o homem à parte dos outros animais, por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus:

*Acima do protótipo da perfeição animal, há o reflexo da divindade na terra e a criação mimosa de Deus. Dizemo-lo sem temor, na criação – de um lado está o homem, pois é dele que falamos, do outro está o restante. [...] A natureza em suas transições respeita o trono do homem. Cava um abismo que não pode ser transposto entre ele e o mais perfeito dos quadrumanos. [...] Gorila e chimpanzé, orango e gibbon quase homens, mas macacos sempre, este quase é um abismo dissecai-o. Paul Janet diz a Vogt o que Owen já dissera a Bory: a raça negra deu ao Instituto de França um geometra – Geoffroi (d’Hayti) mas lá ainda não foram macacos. Não tiveram ainda tempo de se educar durante centenas de séculos!<sup>48</sup>*

Este parece ser o ponto mais importante desse capítulo da tese de Campos: ele procura elucidar, logo no início, aquilo que Guedes Cabral deixou para o fim de seu trabalho, a saber, qual seria a relação entre o homem e os outros animais. Caso conseguisse apresentar alguma prova convincente sobre esse ponto, cairia por terra toda a argumentação construída em *Funções do cérebro*. Campos não apresenta, contudo, um único argumento científico a favor de suas afirmações. Ele apenas acredita, e afirma, que existe uma distância enorme a separar os homens e os demais animais. No mais, limita-se a concordar com algumas afirmações científicas então correntes sobre o cérebro, defendendo que a natureza deu lugar de honra a essa importante “víscera da economia” do corpo. Afirma, ainda, que seria o cérebro o déspota da “economia animal” e o responsável pela “impressão, relação e mensagem”. A ciência teria reconhecido o cérebro “como centro das manifestações psíquicas”, destaca Campos. Entretanto, para ele, tudo isso era abstrato; de concreto mesmo, haveria a alma, como a síntese de todas as grandezas, e “além dela só a grandeza absoluta – Deus”.<sup>49</sup> Sem se deter em elaborar qualquer explicação ou oferecer qualquer evidência empírica a favor de suas ideias, conclui o capítulo e abre o segundo.

O segundo capítulo se inicia pela retomada da discussão final do primeiro, qual seja, a descendência do homem. Para Campos, “a pretensa descendência do homem das espécies animais é o **mito da antropologia moderna**”.<sup>50</sup> Segundo o autor, Vogt, Huxley, Lyell, Lamarck, Darwin e Haeckel viram na perfeição do cérebro a justificativa para suas ideias sobre o “simianismo”.<sup>51</sup> O doutorando apresenta diversos exemplos ligados à anatomia do cérebro, partindo das mesmas teorias craniológicas que Guedes Cabral usou, mas chegando a conclusões distintas. O homem teria o cérebro maior do que o da mulher; com a velhice, o tamanho do cérebro diminuiria; apresenta o peso do cérebro de homens ilustres etc. Entretanto, Campos discorda totalmente das conclusões de naturalistas que se apoiam na relação diretamente proporcional entre cérebro e inteligência. De acordo com Campos,

*Nada há de mais soberanamente ridículo que estas apropriações de observações contestadas e suspeitas para afirmações de conclusões que vêm abalar os esteios de uma crença formada que se arrima em verdades ministradas pelo bom senso, aceitas pelo critério científico. A observação e a apreciação sensata, judiciosa, não autorizam de modo algum esta pretensa correlação entre a transcendência intelectual e o desenvolvimento da massa cerebral.*<sup>52</sup>

Campos apresenta a “aparente” desordem do corpo e compara com a “aparente” desordem da natureza. Mas, em verdade, tudo estaria em harmonia, como resultado da ação de Deus. Defende leis eternas e imutáveis, que valeriam para vegetais, animais e homens, “porque vem de um ser imutável e eterno”. Os autores usados por Campos neste capítulo são Hirschfeld, Luys, Cruveilhier, Sappey, Fournié, Kogum, Tandon e Hollard, que seriam autores de “anatomia clássica portanto e perfeitamente corrente”. Após apresentar a descrição do cérebro que considera mais plausível, Campos parte para uma dura crítica à frenologia, à qual se refere como sendo “apenas uma seita”. A preocupação de afastar da análise as relações entre inteligência e tamanho do cérebro tem como intuito refutar as hipóteses dos materialistas que viam nessas relações evidências a favor da descendência simiesca do homem. Para muitos naturalistas, estas relações constituíam evidências de que o cérebro humano teria se desenvolvido, aumentando de tamanho, durante a caminhada evolutiva desse animal.

No terceiro capítulo, Campos pretende desvendar a “histologia do cérebro”. Afirma a importância do microscópio para a ciência e apresenta os autores que utilizou naquela etapa da sua investigação: Kölliker, Luys, Cruveilhier, Baillarger. Para ele, Huxley teria sido vencido repetidas vezes por Owen e Burdach quando tentou defender a descendência simiesca do homem. Quando o assunto era a descendência do homem, Cabral escreveu de forma leve e agradável, possivelmente porque, acreditamos nós, pretendia que seu texto fosse lido por todos aqueles que soubessem ler. Campos, por sua vez, produziu um texto mais difícil de ser lido, com uma escrita que transita entre a poesia religiosa e uma ciência pesada e sem beleza. Guedes Cabral acreditava nas mudanças que a educação científica poderia produzir, caso viesse a aceitar o ingresso de teorias materialistas. Campos reafirmava a continuidade da tradição espiritualista no ensino científico.

No capítulo que trata da “química do cérebro”, ele procura valorizar as observações e critica aqueles que, mesmo observando determinadas situações na experiência empírica, descrevem resultados diferentes daqueles observados. Para Campos, esses cientistas são “criminosos” e devem ser acusados do crime de “lesa-probidade científica”. Ele defende a necessidade de “mostrarmos de quanto desvario é suscetível o homem, quando preconcebendo juízos ou apreciando levemente os fenômenos que se passam ante si, da observação deduz a sanção forçada de seus juízos errôneos”.<sup>53</sup> Critica duramente a “Escola Reacionária do Positivismo moderno”, atacando as ideias defendidas por Von Bibra e Moleschott, e aceitas por Guedes Cabral, como a de que o fósforo seria indispensável na produção dos pensamentos. Segundo Campos, é um absurdo admitir que existe a “visão porque existe o aparelho ocular, audição porque existe o aparelho auditivo etc, e acreditar de outro lado que um órgão existe – o cérebro – que se encarrega da reação sensível que produz a visão, a audição, etc”.<sup>54</sup> Os questionamentos do autor têm a seguinte forma: se temos um órgão encarregado pela visão, como é possível admitir que outro, o cérebro, é que a faz funcionar? Se temos um órgão encarregado dos pensamentos, o cérebro, como é possível admitir que é um agente químico, o fósforo, que o faz funcionar? Campos considera estas hipóteses carentes de sentido e, ao opor-se a conclusões que são caras a tese de Guedes Cabral, parece colocá-lo entre aqueles que deduzem juízos errôneos das observações, ou seja, ao lado dos outros positivistas que critica.



O autor pretende questionar as hipóteses que atrelam o pensamento à quantidade de gordura e fósforo no cérebro. Ele pergunta quem provou que pensamento e cérebro estão ligados de alguma forma, afirmando que, para chegar a essa conclusão, “seria necessário que primeiro se nos provasse que o pensamento é produto do cérebro”.<sup>55</sup> Acusa Von Bibra de ter ido mais longe que Moleschott, ao admitir que, sem cérebro, não existe pensamento, estabelecendo uma escala de inteligência usando a substância gordurosa como base. Campos, indignado, exclama: “podemos concluir que o gênio é uma Polysarcia adiposa! Magnifico.” Campos apresenta a composição química do cérebro, “80% água, 1.7% cerebrina, 7.8% colesterolina e substâncias gordurosas, 2.28% solúveis, 6.82% materiais albuminoides insolúveis, 1.4% extrato aquoso”, e, em seguida, discute várias opiniões acerca da quantidade de gordura no cérebro humano. Ele critica Tamin, que seria um devotado “sectário da Escola de Augusto Comte”, por afirmar que a porção de “colesterolina” cresce progressivamente “da série inferior da animalidade até o homem”. Compara a afirmação de Tamin com a de Moleschott: a importância que este atribui ao fósforo, aquele atribui à “colesterolina”. Em tom de desdém, afirma que os materialistas deveriam atribuir a inteligência à água, já que é esta que é encontrada em maior quantidade no cérebro.<sup>56</sup>

O doutorando acusa Haeckel de tentar envenenar almas jovens contra a religião e se refere aos seus discípulos como pertencentes a uma nova seita. Afirma que a verdadeira crença não morreu. Em relação às buscas materialistas pela comprovação de suas ideias, seja na natureza ou na ciência, afirma que serão sempre infrutíferas: “Busca o materialismo a cada passo no livro imenso da criação a sanção de suas ideias e ele a cada momento lhe nega. Socorre-se da antropologia, como da zoologia, da química como da geologia, como da paleontologia. Em nada encontram apoio. [...] A anatomia comparada nada estatui, dissemo-lo, que confirme os juízos que dela deduz o materialismo em prol de sua crença.”<sup>57</sup>

O autor afasta a possibilidade de comparações entre o cérebro humano e o dos outros animais. Dessa forma, as pesquisas que usaram dados coletados em animais para apoiarem suas conclusões sobre o cérebro humano, como muitas daquelas utilizadas por Guedes Cabral, devem ser consideradas impróprias. Critica Broca e suas pesquisas, questionando as conclusões do mestre francês, perguntando “como estabelecer um tipo para um cérebro de um caucasiano?” E afirma que o cérebro é difícil de ser caracterizado pela forma. A essa altura, o doutorando busca ridicularizar todas as pesquisas empreendidas por materialistas, principalmente aquelas que levam em consideração o tamanho e as circunvoluções do cérebro. Para Campos, “o animal que apresenta um grau de perfeição maior na série zoológica (sic) é exatamente aquele que fica a quem (sic) em desenvolvimento? Os macacos (gorila) e os burros e os elefantes têm muitas circunvoluções”.<sup>58</sup> Em sua tentativa de separar o homem dos outros animais, Campos chega a colocá-lo em um reino distinto.

Em diversos momentos de sua tese, Campos procura escrever para um público específico, os religiosos. No tópico denominado “cérebro e ação”, ele chega a dar exemplos de milagres. Apresenta um exemplo de um paraplégico que teria sido curado pela fé. Critica Claude Bernard pelas conclusões que aproximavam movimento e cérebro e pergunta: “explicitou acaso cientificamente o fato?”.

O autor discute alguns outros autores que Cabral usou, a exemplo de Longet, mas, novamente, chega a conclusões totalmente diferentes. Para ele, “transmissão” e “percepção” são duas faces de uma mesma moeda. Uma ação/impressão seria consciente quando chegasse ao cérebro e encontrasse com o eu (possivelmente a alma, para Campos), e inconsciente, quando fosse apenas uma reação involuntária. Campos aborda todos os pontos de que Cabral tratou em separado – a sensação, o movimento, o pensamento, o sentimento – como sendo partes de um único movimento, que seria mediado pela alma humana. Defende a impossibilidade de o cérebro apreender as sensações, caso fossem produzidas nele mesmo. E afirma a importância do espírito nesse processo de completar as funções do cérebro: “O cérebro, órgão que manifesta as determinações anímicas é o centro da percepção, sem que este fato possa por ele ser produzido independentemente da ação do espírito. Deve em tal crer todo fisiologista sensato”.<sup>59</sup>

Campos ataca Flourens, que é o principal autor que Guedes Cabral segue, afirmando que Magendie, Longet e Vulpian, embora não contestem as experiências de Flourens, discordam de suas conclusões. Infelizmente, Campos não esclarece em que os autores discordam de Flourens, já que aceitam suas experiências, impossibilitando entender de forma mais segura sua crítica.

Ele reclama que os materialistas pretendem destruir algo que está assentado na tradição religiosa usando apenas suposições. Segundo o autor, a ortodoxia doutrinária da psicologia e da fisiologia admitem a existência de um “princípio extra-material”. Apresenta a tradição como a única fonte legítima para falar em nome da ciência. Esta é uma proposta estranha, principalmente para uma ciência como a do século dezanove, que mudava rapidamente diante de cada nova descoberta ou aporte teórico. Apresenta os sentimentos e o amor como provas das suas conclusões acerca da existência de algo extra-material. Segundo Campos, os sentimentos “superiores”, como o amor ao próximo, são evidências da existência de um Deus criador a planejar o mundo. Aquilo que, para Guedes Cabral, é fruto apenas da cultura de cada povo, como as regras morais, para Campos é a comprovação da existência da alma. De modo similar a muitos teólogos naturais, ele também apresenta exemplos ligados à beleza e perfeição da natureza para comprovar a existência de um Deus criador.

Tratando da questão da memória, na qual poderia ser verificado com mais perfeição “as relações da organização com o eu”, Campos cita Luys, afirmando que as ideias desse autor são um “labirinto em que mal o podemos acompanhar na leitura”.<sup>60</sup> Luys é um dos autores usados por Guedes Cabral para alcançar suas conclusões sobre a memória. Nesse ponto, Campos introduz uma nota fazendo referência a Cabral e sua tese: “essa idéia é relatada e aceita pelo Dr. Domingos Guedes Cabral, **erudito colega**, que há meses publicou um **interessante livro** sobre ‘funções do cérebro’”.<sup>61</sup> Como havíamos comentado anteriormente, no exemplo do cônego que escreveu a *História de Laranjeiras*, mesmo os autores que pretendiam atacar Domingos Guedes Cabral admitiam sua erudição e inteligência.

Os ataques de Campos a Flourens aparecem em diversos momentos do seu trabalho. Para Campos, o pensador francês “só faltou admitir uma linguagem para os animais”,<sup>62</sup> enquanto, em sua visão, os animais nem conseguem entender um ruído “que lhe fere o tímpano”.<sup>63</sup> Para Campos, as diferenças entre humanos e animais podem ser percebidas facilmente; aos homens, cabe a inteligência, e, aos animais, apenas os instintos. O autor não descarta o valor do cérebro em relação aos instintos, uma vez que acredita que este é realmente o órgão de maior importância na “economia” do corpo. Mas nada se compara à importância da alma, que, em alguns momentos, o autor trata como sendo o eu. Para ele, “O cérebro preenche pois em relação ao instinto uma dupla função. É receptáculo das excitações que originam impressões celulo-motrizas: (sic) é igualmente centro de reação motriz, evolução final da impressão recebida. [...] (o eu) é o que em nós sente, quer e pensa – no dizer da psicologia. O eu é propriamente a expressão do sentimento da vida”.<sup>64</sup>

Campos também ataca as ideias de Gall, afirmando que “a investigação prática” não tem corroborado as localizações “estatuídas” por ele. Mesmo assim, afirma que “o frenologismo de Gall pouco tem ou nada de inconciliável com o espiritualismo”.<sup>65</sup> Este é um dos motivos que levou Guedes Cabral a atacar as ideias da frenologia em *Funções do cérebro*. Uma década antes, nos anos de 1860, o espiritismo já estava utilizando essa teoria para explicar o “atraso” da “raça” negra.<sup>66</sup>

Os lóbulos cerebrais seriam importantes para os movimentos voluntários, destaca Campos, e iriam “em progressão crescente dos animais de cérebro menos aperfeiçoado” até o homem. Por este motivo, a retirada seria mais problemática nos animais mais evoluídos, sendo desastrosa no caso do homem. Para Campos, o estado da ciência naquele momento não permite conclusões definitivas acerca das funções desempenhadas pela “substância branca” ou pela “cinzenta”. A experiência positiva ainda não seria capaz de oferecer informações confiáveis sobre o tema e muita coisa estaria apenas no campo da mera especulação.<sup>67</sup> Ele tenta desmerecer as conclusões dos autores que Cabral segue em relação à existência de especialização nas partes cinzenta e branca do cérebro:

*A localização do estímulo motor na camada cinzenta ou na porção branca do cérebro, como tem pretendido muito fisiologista de nota, ainda não firma-se em esteio capaz de arraigar-nos uma convicção a todo transe. [...] Longet não explica, como quase toda a gente (sic) o fato da manifestação de hemiplegias no lado do corpo antagônico àquele em que existe a lesão cerebral. [...] o mecanismo íntimo pelo qual a vontade engendra o movimento nos é tão inacessível como a transformação da impressão.*<sup>68</sup>

Em relação à linguagem, que esperaríamos ser um dos tópicos mais importantes do trabalho de Campos, já que se trata do principal exemplo dos espiritualistas em apoio às diferenças entre humanos e animais, ele simplesmente afirma que já “não nos resta tempo para tanto e já nos pende a frente extenuada de fadiga. É preciso terminar”.<sup>69</sup> Ele ainda encontra fôlego, contudo, para definir o mecanismo da linguagem e afirmar que “não há porção especial do cérebro ligado à linguagem”. Para ele, a linguagem é apenas um todo organizado comandado pela alma. Para usar suas próprias palavras: “A linguagem bem considerada não é mais que um conjunto de movimentos que convergem a um mesmo fim. A palavra lhe é à linguagem uma manifestação de um concreto de fatos (que) aproveita-se a alma para exteriorização do pensamento”.<sup>70</sup>

Muitos outros autores citados por Campos, dos quais discorda ou com os quais concorda, foram também utilizados por Guedes Cabral: Broca, Bouillard, Vulpian, Gratiolet, Velpeau, Dax, Baillarger etc. A intenção de Campos era mostrar que todas as ideias materialistas não passavam de meras suposições. Os maiores nomes da ciência da época ainda não haviam chegado, em sua visão, a uma conclusão definitiva sobre o funcionamento do cérebro. Para Campos, usar essas ideias para provar a inexistência da alma (e de Deus) era agir precipitadamente. O autor conclui citando Pope em inglês: “For what remains, I beg to be excused from the ceremonies of taking leave at the end of my work”.<sup>71</sup> Ele passa, então, para as proposições.

Na primeira proposição, Seção Médica, Campos escolhe o mesmo tema de Guedes Cabral, “Das Raças”. Começa criticando os adeptos da “Escola reacionária” e diz quem é o principal representante dela: “falamos de Voltaire e seus adeptos”.<sup>72</sup> Segundo Campos, Blumenbach já havia afirmado, “circundado da auréola de prestígio que ilumina-lhe a palavra”, o princípio perene da “unidade das raças”. As mudanças observadas nos homens seriam fruto da relação com o clima, alimentação, epidemias, promiscuidade dos indivíduos etc. Estas seriam as “causas inquestionáveis de modificações do paradigma único e primitivo do Reino Hominal”.<sup>73</sup> Concorda, sem oferecer nenhuma evidência empírica, com a ideia de que as moléstias, disposições morais e as “monstruosidades” são transmitidas de pai para filho. Essa mesma “hereditariedade” aconteceria com as raças. Daí a necessidade de proibir os cruzamentos entre os grupos.

62

Para Campos, “o monogenismo é ante a antropologia hodierna uma intuição tão patente como a intuição de uma causa primeira”.<sup>74</sup> Então, como era possível que cientistas de renome, como Haeckel, Broca e Agassiz, estivessem defendendo o poligenismo, enquanto os espiritualistas estavam defendendo o monogenismo? A resposta é simples e surge na afirmação seguinte de Campos. Para ele, a grande falha de Agassiz teria sido não conseguir “harmonizar o poligenismo com o adamismo”. Por isso, teria ficado se debatendo sem chegar a lugar algum com essa teoria. O poligenismo significava, para Campos, um ataque ao mito bíblico de Adão e Eva, que, caso destruído, comprometeria grande parte da argumentação bíblica. Essa era a intenção de Domingos Guedes Cabral ao afirmar: “Adão é um mito”.<sup>75</sup>

Na Seção Acessória, Campos trata do fósforo, elemento importante na produção de pensamentos, segundo Guedes Cabral. Campos, por sua vez, discute apenas as propriedades químicas desse elemento; desmerece, como já havia feito antes, as aproximações entre o fósforo e a produção de pensamentos.

Na Seção Cirúrgica, destinada a falar das “monstruosidades fetais”, encontramos apenas mais um leve ataque a Flourens e a tentativa de levar a questão mais uma vez para o lado do sagrado. Segundo Campos, “o monstro nada tem a ver com o princípio físico”.<sup>76</sup> Termina com alguns aforismos de Hipócrates, e com a manifestação de sua certeza de que cumpriu o seu dever como cristão e cientista.

#### 4. A recusa da tese de Domingos Guedes Cabral: uma nova explicação

A recusa da tese *Funções do cérebro* pela Faculdade de Medicina da Bahia foi atribuída ao ataque à religião católica que ela continha<sup>77</sup> e à defesa de posições darwinistas, que contradiriam ideias dominantes na Faculdade de Medicina naquele período.<sup>78</sup> O exame do texto de sua tese não deixa dúvida de que Domingos Guedes Cabral era evolucionista,

muito menos que era um darwinista assumido. Mesmo em assuntos nos quais outros darwinistas caminhavam com cautela, como a descendência do homem, ele se expunha sem medo. Isso pode ser visto claramente em algumas das afirmações feitas no anexo encontrado ao final de sua tese, que tem como título “Da Espécie Humana”:

*A geração humana constitui apenas uma família animal; Essa família, com as dos verdadeiros macacos e dos makis, forma, sob o ponto das classificações dos mamíferos, que é conhecida pelos mais adiantados naturalistas sob o nome de primatas; Tem conseguintemente, como irmão o homem, isto é, a família anthropiniana: 1º os catarrhinianos (macacos do nariz estreito do velho mundo), 2º os platyrrhinianos (macacos de nariz chato, da America), 3º os arctopithecus (saguís, etc.), 4º os lemurianos (lemures ou semi-macacos), 5º os cheiromianos (todos os outros digitados), 6º finalmente, os galeopithecus, ou macacos volantes.<sup>79</sup>*

É preciso ter em conta que, como destaca Glick,<sup>80</sup> o pensamento darwinista não enfrentou uma dura oposição da parte dos intelectuais brasileiros, como aconteceu em diversos países da América espanhola, nas quais houve uma polarização entre católicos e darwinistas com posturas anticlericais. Glick explica essa situação típica do Brasil com base em três fatores distintos: primeiro, o Imperador D. Pedro II não era de todo contrário a Darwin; segundo, elementos da elite católica foram cooptados pelo evolucionismo poligenista, que parecia fornecer bases cientificamente legitimadas para a manutenção da supremacia branca; terceiro, no Brasil, havia simpatizantes do darwinismo no controle das principais instituições, como museus de ciências, e nas mais importantes faculdades, como a de Medicina, na Bahia, e a de Direito, no Recife, ideias evolucionistas eram discutidas. Torna-se claro, assim, que explicar a recusa da tese de Guedes Cabral com base em sua defesa de uma visão evolucionista não pode ser suficiente.

Os intelectuais brasileiros não pareciam ter muitas dificuldades em aceitar as diversas teorias que vinham da Europa, embora acreditassem que algumas delas precisavam passar por algumas “correções” para serem utilizadas no contexto brasileiro. O mais importante era que todas elas teriam algo a oferecer na luta contra o atraso, em que, acreditavam eles, o Brasil estava mergulhado. Os intelectuais brasileiros reinterpretabam as doutrinas, extraindo delas aquilo que era mais conveniente para suas bandeiras de luta. Eles não eram, assim, meros divulgadores de ideias alheias, mas costumavam fazer reinterpretações criativas das mesmas.<sup>81</sup> Dessa forma, ideias como “luta pela existência” e “seleção natural”, de Darwin; “recapitulação”, de Haeckel; “sobrevivência dos mais aptos” e “determinismo histórico”, de Spencer, assumiam aqui outros significados e eram transportadas para o mundo social e político, servindo tanto como justificativa para ações que hoje seriam consideradas racistas, quanto para enfrentar a suposta “preguiça dos brasileiros” e colocar o país no caminho do desenvolvimento.<sup>82</sup>

Seguramente, os pensadores imperiais da década de 1870 não faziam muita distinção entre as doutrinas que seguiam. Eles estavam mais interessados em defender a educação, atacar a forma de governo, criticar a escravidão, defender o progresso etc., metas associadas a todas as teorias que por aqui aportaram, principalmente após as novas interpretações que os pensadores nacionais deram a elas. Collichio já chamava a atenção para as dificuldades de classificar os darwinistas brasileiros: “A classificação rigorosa dos darwinistas por correntes ou matizes, que a princípio nos pareceu indispensável nessa obra, afigurou-se-nos, no decorrer do trabalho, inexequível, em vista das peculiares posições individuais e mais ainda das mudanças de orientação de cada adepto ao longo de sua atuação”.<sup>83</sup>

A natureza da posição darwinista assumida por diversos autores refletia, na visão desta autora, ao mesmo tempo a sua independência intelectual e a intenção comum deles de desmoralizar um regime político que acreditavam representar ideias e instituições insustentáveis em face do progresso da ciência, assim como desmascarar uma sociedade que consideravam decadente. Além disso, nunca é demais lembrar que os diversos seguidores da teoria da evolução aqui no Brasil tinham mais em conta as ideias de Lamarck que as de Darwin,<sup>84</sup> principalmente porque era em francês que a maioria desses pensadores tinha acesso ao evolucionismo. Possivelmente, um dos motivos para a teoria de Darwin ser aceita por alguns pensadores nacionais consistia em sua plasticidade, que possibilitava atacar tanto a religião do estado quanto a forma de governo estabelecida em nosso país. O darwinismo, assim como o positivismo, terminaria por transformar-se, nas mãos desses pensadores, em um conjunto de normas de conduta social, sendo usado como bandeira de luta para defender as diversas mudanças que os autores acreditavam ser necessárias para que o país se desenvolvesse.

Domingos Guedes Cabral era positivista e evolucionista, mas havia uma diferença marcante entre ele e a maioria dos seguidores brasileiros destas doutrinas. Defendia a evolução como a forma mais avançada de refletir sobre a ciência e acreditava naquilo que mais causava desconfiança aos seguidores do darwinismo aqui no Brasil: a descendência simiesca do homem.<sup>85</sup> De acordo com Silvio Romero,<sup>86</sup> Guedes Cabral era um representante da corrente de seguidores de Haeckel no Brasil dos anos 1870. Seguramente, ele conhecia o pensador alemão, em vista das citações que faz do mesmo. Não causaria espanto, de fato, a defesa da descendência simiesca de nossa espécie e de uma visão monista na qual não haveria espaço para almas ou deuses num seguidor de Haeckel.

A questão da origem animal da espécie humana era apenas um dos muitos problemas que *Funções do cérebro* apresentava à comunidade científica baiana. Outra fonte principal de dificuldades para o doutorando e sua tese inaugural residia, exatamente, em sua tentativa de provar a inexistência da alma. Nos dias atuais, um projeto de pesquisa como o empreendido por Domingos Guedes Cabral só poderia ser considerado como sendo de interesse da religião ou da filosofia. Entretanto, até o final do século XIX, a compreensão da alma ainda era uma preocupação tanto dos homens de ciência quanto de filosofia. Esta empreitada era parte, precisamente, de um processo de naturalização do entendimento da mente humana, que terminou por retirar a alma do universo de fenômenos dos quais se ocupa a ciência. Muitos naturalistas estavam então dispostos a retirar das religiões a prerrogativa de serem as únicas em condições de dar explicações acerca da mente humana. Dessa forma, um projeto de pesquisa como o de Guedes Cabral, que tinha a intenção de investigar onde seria a morada da alma no corpo humano e quais seriam suas funções, caso ela existisse, estava em total acordo com os projetos positivistas e evolucionistas da época. Muitos pensadores positivistas, a exemplo de Luís Pereira Barreto, estavam preocupados em enfrentar os discursos religiosos que advogavam a separação entre corpo e alma.<sup>87</sup>

Para Guedes Cabral, as reflexões sobre a alma humana estavam a cargo de dois tipos distintos de pensadores: os “espiritualistas”, que acreditavam em “entidades metafísicas”, como deuses, santos, anjos etc., e os “materialistas”, que só aceitavam afirmações que fossem passíveis de comprovações empíricas. Ele próprio se situava entre estes últimos, defendendo ideias materialistas que constituíram razão importante, mas não suficiente, para a recusa de sua tese. Entre os professores da Faculdade de Medicina, havia quem defendesse o materialismo, como vimos acima. Assim, não nos parece que nem no materialismo, nem no evolucionismo defendido em *Funções do cérebro* haveremos de encontrar, por si só, a razão de sua recusa.

Não se pode negar, contudo, que a posição materialista de Guedes Cabral era possivelmente mais polêmica do que suas ideias evolucionistas. Sob forte influência da filosofia positiva, e seguindo os passos de anatomistas como Kölliker e Robin e de fisiologistas como Longet e Flourens, Guedes Cabral terminou por procurar no cérebro a morada da alma humana. Para a filosofia positivista aceitar que algo exista no corpo, duas condições precisam ser satisfeitas: primeiro, é necessário que possua alguma função na economia do corpo; segundo, é necessário que seja possível identificar com segurança sua localização.<sup>88</sup> Dessa forma, Guedes Cabral, acreditando que, caso existisse, o único lugar onde poderia morar a alma humana seria no cérebro, buscou mostrar em sua tese de doutoramento que não havia razão plausível, do ponto de vista da ciência, para se aceitar a existência da alma. Sua conclusão era estendida, então, para uma defesa da tese de que o próprio Deus não existiria. Sem diminuir a controvérsia suscitada por ideias evolucionistas aceitas por Guedes Cabral, como a descendência simiesca da espécie humana, temos nesta tentativa de demonstrar a inexistência de Deus e da alma um convite claro às reações mais duras e acaloradas à sua tese. Como comentamos acima, Guedes Cabral poderia encontrar muitos parceiros numa luta pelas ideias evolucionistas, e até mesmo numa campanha contra a religião oficial do país, o catolicismo, mas ele se veria provavelmente sozinho – ou quase – numa batalha pela inexistência da alma ou de Deus.

Numa obra como *Funções do cérebro*, é difícil, de fato, atribuir uma reação negativa a um único fator. Chega a impressionar o número de frentes de batalhas que Guedes Cabral pretende abrir.<sup>89</sup> Ele se empenha em críticas abertas ao Estado, à religião católica, a Deus, à Faculdade de Medicina, ao Direito – cujos profissionais não estariam devidamente aparelhados para lidar com questões de ordem social e moral, por serem espiritualistas –, aos mestres, a alguns médicos etc. Guedes Cabral é hábil em atrair inimigos de todos os lados. Ele defende ideias que não poderiam deixar

de provocar polêmica: Segundo ele, questões morais devem ser interpretadas a partir da cultura de cada povo; o amor materno é cultural; o aborto não deveria ser visto como assassinato; o homem é só mais um macaco aperfeiçoado; os médicos deveriam substituir os bacharéis em questões ligadas às punições etc. Enfim, a lista dos problemas que a tese de Cabral enfrenta e que podem ter levado à sua recusa é muito extensa. Resta saber se ele era tão ingênuo a ponto de escrever um trabalho com tantas chances de ser recusado, sem ter se dado conta de que estava trilhando esse caminho, mesmo que fosse uma possibilidade remota, já que nunca tinha acontecido tal coisa na Faculdade de Medicina. Nós acreditamos que a resposta é não.

Não se pode interpretar o episódio da recusa corretamente, em nossa visão, sem levar em conta que Guedes Cabral estava envolvido em tais lutas havia muito tempo. Ele já havia se insurgido contra a religião oficial, por exemplo, quando participava do jornal *O horizonte*, que funcionou durante o ano de 1872. E *O horizonte* não foi um jornal que passou em vão, como já tivemos oportunidade de argumentar. As ideias materialistas que defendeu, por sua vez, não eram arroubos isolados, apenas de um jovem aluno da Faculdade. O exame dos jornais da época nos permite dizer que havia, naquele momento, dois grupos intelectuais em disputa na Bahia. Os dois discursos de professores da Faculdade, contra e a favor do materialismo, fornecem apoio a essa hipótese, embora a defesa do ensino de ideias materialistas não implique aceitar que seus defensores eram materialistas convictos, como Guedes Cabral. De qualquer modo, pareciam existir duas forças contrárias dentro da própria Faculdade de Medicina da Bahia, uma querendo modernizar a ciência a partir de ideias materialistas que circulavam na Europa, e que, de certa forma, negavam a existência de Deus, e outra querendo manter a ciência atrelada às explicações religiosas oferecidas pelo modelo de ensino tradicional. Quanto à crença em Deus, Domingos Guedes Cabral foi um dos poucos que registraram com clareza suas convicções. Muitos se posicionavam contra a religião católica durante o período Imperial, mas raros foram os que atacaram a própria figura de Deus. Seja como for, o aluno Guedes Cabral deve ter se sentido amparado dentro da própria Faculdade para trilhar os caminhos espinhosos pelos quais circulou em sua tese.

O projeto de Domingos Guedes Cabral era bastante ousado e, para se concretizar, precisava passar pelo rito de passagem da Faculdade de Medicina da Bahia. Esse era o caminho para ser reconhecido como cientista e realizar seu grande sonho, que era o de poder falar como antropólogo, como buscamos mostrar em trabalhos anteriores.<sup>61</sup> Para concretizar essa tarefa, precisava ser aceito como cientista natural. Este seria o passaporte para apresentar os dois livros que informa já ter escrito em *Funções do cérebro*, nos quais se lançaria de vez como antropólogo evolucionista/darwinista, seguidor da linha de Huxley e Haeckel. Embora Guedes Cabral<sup>91</sup> afirme que estão “a entrar para os prelos” os trabalhos *A questão do homem* e *Cérebro e alma*, esses livros infelizmente jamais foram encontrados.<sup>92</sup> Diante de toda a repercussão negativa que seu trabalho teve, muito mais do que era conveniente para um pensador que pretendia ingressar em um novo campo de estudos, o autor terminou por gastar seus poucos anos de vida na batalha contra a religião do estado, sem ter conseguido o aval de Faculdade de Medicina para seu arrojado projeto de investir contra Deus, o catolicismo e muitos outros adversários contra os quais escolheu pelear.

A opção por centrar nosso estudo nos antecedentes da recusa e na própria tese, embora inicialmente decorrente da dificuldade de encontrar os artigos escritos contra Guedes Cabral nos jornais da época, abriu um novo e inexplorado caminho de investigação. Os diversos autores que trataram de *Funções do cérebro* tomaram como ponto de partida o momento da recusa. Ao nos debruçarmos sobre a trajetória anterior de Guedes Cabral, percebemos que os antecedentes da recusa contribuem sobremaneira para explicar o incidente. O fato de que Guedes Cabral já estava envolvido ao menos em parte das batalhas que estão presentes em sua tese torna possível, inclusive, levantar uma hipótese, ainda que difícil de ser testada. É possível que seu envolvimento com jornais da época fosse conhecido pela congregação da Faculdade de Medicina, assim como as ideias que defendia em editoriais naqueles jornais. A recusa de sua tese pode ter sido um ato político da Faculdade, fruto do temor de associar seu nome a tantas ideias controversas do doutorando, envoltas em tantas frentes de batalha, ao sobrepor-lhes o signo de sua aprovação. Afinal, como vemos em *O norte acadêmico*, que se apresentava como intérprete dos interesses da Faculdade de Medicina, era preciso ter o cuidado de não se misturar ciência com política... À congregação, pode ter parecido a melhor saída não subscrever trabalho tão ousado, recusando-o como tese inaugural e forçando, assim, o jovem médico a apresentar trabalho muito

mais tradicional e circunscrito, feito às pressas e passando muito ao largo de quaisquer polêmicas semelhantes às aquelas suscitadas por *Funções do cérebro*. Admitimos que não temos evidências que forneçam apoio a esta sugestão, e pode não ser possível de fato obtê-las. Mas não se trata de uma ideia sem fundamentos, quando examinamos a história de vida anterior do doutorando e o clima acadêmico na Faculdade de Medicina à época.

Mas, mesmo que não se queira aceitar a ideia mencionada acima, está claro para nós que não se pode explicar a recusa da tese de Domingos Guedes Cabral com base em um único fator, sejam suas ideias evolucionistas, seja seu materialismo. Esta sim é uma conclusão que consideramos bem fundamentada nas evidências que temos, sejam aquelas internas à sua tese, sejam aquelas que podemos recolher da trajetória pregressa do doutorando, ou, ainda, as que seguem de um exame de jornais da época que mostram não serem estranhas à Faculdade de Medicina as visões materialistas ou evolucionistas.

## Notas e referências bibliográficas

Ronnie Almeida é doutorando na área de Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia. Charbel El-Hani é professor associado do Instituto de Biologia da UFBA. E-mail: charbel.elhani@gmail.com

- 1 COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1988; DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (Orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2003.
- 2 MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1855 – 1877)*, vol. III. São Paulo: T. A. Queiroz Editora, 1996; PAIM, Antônio. *A Filosofia da Escola de Recife*. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1966; LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- 3 ALMEIDA, Ronnie Jorge T. *Religião, ciência, darwinismo e materialismo na Bahia Imperial*: Domingos Guedes Cabral e a recusa da tese inaugural “Funções do Cérebro” (1875). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA/UEFS, Salvador, 2005; ALMEIDA, Ronnie Jorge T.; EL-HANI, Charbel Niño. A Medicina como “Philosophia Social”: Domingos Guedes Cabral e a Tese Inaugural “Funções do Cérebro” (1875). *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência* 5(1), p. 6-33, 2007.
- 4 ROMERO, Sylvio. *Obra filosófica*, Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/EDUSP, 1969 [1878].
- 5 COLLICHIO, op. cit.
- 6 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo da miscigenação. In: DOMINGUES; SÁ; GLICK, op. cit., p. 165-180.
- 7 ALMEIDA, op. cit.; ALMEIDA; EL-HANI, op. cit.
- 8 GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876 – 1915). In: DOMINGUES; SÁ; GLICK, op. cit., p. 45-96.
- 9 ALMEIDA, op. cit.; ALMEIDA; EL-HANI, op. cit.
- 10 Ibid.
- 11 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.
- 12 OLIVEIRA, Philadelfo de. *História de Laranjeira Católica*. Laranjeiras: Casa Ávila Editora, 1942, p. 138.
- 13 VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora da UNB, 1980.
- 14 Ibid.
- 15 BLAKE, op. cit.
- 16 FREIRE, Felisbello. *História constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil*. Coleção Temas Brasileiros, v. 43. Brasília: Editora da UNB, 1982.
- 17 COLLICHIO, op. cit.
- 18 Os jornais citados neste trabalho foram consultados no acervo do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.
- 19 FREIRE, op. cit.
- 20 BLAKE, op. cit.
- 21 Ibid.
- 22 As informações biográficas apresentadas foram obtidas na tese de doutoramento de Aristides Guedes Cabral, defendida em 1874 na Faculdade de Medicina da Bahia, e em BLAKE, op. cit.
- 23 BLAKE, op. cit.
- 24 De acordo com o jornal *O correio da Bahia*, de 29/07/2003, Domingos Guedes Cabral (pai) esteve preso no Forte de São Marcelo, em Salvador, por estar envolvido nas rebeliões federalistas de 1831. Entre os prisioneiros ilustres, além de Guedes Cabral, estavam Bernardino Guanaes Mineiro, Cipriano Barata e João Primo. Os detentos tomaram o Forte no dia 26 de abril daquele ano e “proclamaram a federação direto do mar.”
- 25 BLAKE, op. cit.
- 26 Essa informação sobre a importância do *Guaycuru* para a propaganda republicana aparece sempre que encontramos uma referência a Domingos Guedes Cabral (pai), assim como a citação do Dr. Borges da Fonseca. Estamos usando aqui informações de: BLAKE, op. cit.; e CARVALHO, Aloysio de. A Imprensa na Bahia em 100 anos. *Diário Oficial da Bahia*, Edição Comemorativa 1823/1923.
- 27 CARVALHO, op. cit.
- 28 BLAKE, op. cit.
- 29 BLAKE, op. cit., p. 206, grifos nossos.
- 30 De acordo com Oliveira, imediatamente após a chegada da família real ao Brasil, a Inglaterra passou a publicar (em português) dois periódicos preocupados com a cultura e divulgação científica. Parece não haver acordo acerca do grau de penetração que esses periódicos tiveram no Brasil; entretanto, sabemos que eles eram lidos por aqui. Oliveira (1998) discute diversas opiniões acerca da penetração e leitura desses jornais no Brasil, nos anos iniciais do século XIX. OLIVEIRA, José Carlos de. Os periódicos portugueses de Inglaterra e a cultura científica brasileira (1808-1821). *Re-*

- vista da Sociedade Brasileira da História da Ciência, 19, p. 31-62, 1998.
- 31 Nos jornais consultados, encontramos diversos exemplos das disputas que estavam acontecendo nestes veículos de comunicação, naquela época. Optamos por utilizar apenas um editorial, por razões de espaço e, também, porque acreditamos que nesse trecho citado é possível visualizar os diversos enfrentamentos que estavam se desenrolando.
  - 32 ALMEIDA, op. cit.
  - 33 FREIRE, op. cit.
  - 34 COLLICHIO, op. cit.; SCHWARCZ, op. cit.; MARTINS, op. cit.
  - 35 Não sabemos ao certo por quanto tempo o jornal *O horizonte* esteve em funcionamento. Sabemos apenas que no ano de 1872 ele estava funcionando, por termos consultado diversos números do jornal entre os meses de agosto e outubro desse ano.
  - 36 CABRAL, Domingos Guedes. *Funções do cérebro*. Bahia: Imprensa Nacional, 1876, Anexo à tese.
  - 37 Não sabemos se o “Ferreira de Campos” que aparece como um dos editores do jornal *Norte acadêmico* em 1875 é o mesmo doutorando que, no ano seguinte, apresentará a tese espiritualista que tenta refutar ideias contidas em *Funções do cérebro*. Sabemos apenas que alguns editoriais publicados nesse jornal lembram muito de perto a forma como o doutorando José Ferreira de Campos escreve em sua tese inaugural, o que torna possível supor que se trata da mesma pessoa.
  - 38 Não conseguimos identificar com clareza, devido às condições do jornal, o dia exato da publicação.
  - 39 CASTRO, Dinorah D’Araújo Berbert de. *Idéias filosóficas nas teses inaugurais da Faculdade de Medicina da Bahia*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA, Salvador, 1973.
  - 40 CAMPOS, João Ferreira de. *Categoria orgão funcional do cérebro*. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia. Tese inaugural apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, 1876, p.1.
  - 41 Ibid., p.3.
  - 42 Pelo menos dois destes homenageados possuíam alguma ligação com o catolicismo: o advogado sergipano Manuel Luiz Azevedo de Araujo, que, inclusive, advogava em Laranjeiras, cidade para a qual Guedes Cabral se mudou e onde foi atacado pelos bacharéis de Direito, e o médico baiano Manoel Joaquim Saraiva, que possuía diversas condecorações oferecidas pela Igreja Católica. BLAKE, op. cit.
  - 43 Ibid.
  - 44 VIEIRA, op. cit., p.202.
  - 45 Ibid.
  - 46 Ibid., p. 203.
  - 47 CAMPOS, op. cit., p.5.
  - 48 Ibid., p.6.
  - 49 Ibid., p.7-9
  - 50 Ibid., p. 11, nosso grifo.
  - 51 É curioso que Campos coloque Charles Lyell entre os defensores da descendência simiesca do homem, uma ideia que Lyell jamais defendeu. DESMOND Adrian; MOORE James. *Darwin: A vida de um evolucionista atormentado*. São Paulo: Geração, 2001.
  - 52 Ibid., p.13-14.
  - 53 Ibid., p.50.
  - 54 Ibid., p.52.
  - 55 Ibid., p.53.
  - 56 CAMPOS, op.cit., p.52-54.
  - 57 Ibid., p.63-64.
  - 58 Ibid., p.70.
  - 59 Ibid., p.89.
  - 60 Ibid., p.113.
  - 61 Ibid., nossos grifos.
  - 62 Ibid., p.122.
  - 63 Ibid.
  - 64 Ibid., p.125-126.
  - 65 Ibid., p.131.
  - 66 ALMEIDA, op. cit.
  - 67 CAMPOS, op. cit., p.138.
  - 68 Ibid., p.148-149.
  - 69 Ibid., p.150.
  - 70 Ibid., p.151.
  - 71 Ibid., p.154.
  - 72 Ibid., p.155.
  - 73 Ibid., p.156.
  - 74 Ibid., p.157.
  - 75 CABRAL, op. cit.
  - 76 CAMPOS, op. cit., Preposições.
  - 77 ROMERO, op. cit.
  - 78 COLLICHIO, op. cit.
  - 79 CABRAL, op. cit.
  - 80 GLICK, Thomas. Introdução. In: DOMINGUES; SÁ; GLICK, op. cit., p.19-27.
  - 81 PAIM, op. cit.; COUTINHO, Aluizio Bezerra. *A Filosofia das Ciências Naturais na Escola do Recife*. Recife: Ed. UFPE, 1988.
  - 82 GUALTIERI, op. cit.; COLLICHIO, op. cit.; SCHWARCZ, op. cit.
  - 83 COLLICHIO, op. cit., p.20.
  - 84 COLLICHIO, op. cit.; LOPEZ CID, Maria Rosa. *O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2004.
  - 85 GUALTIERI, op. cit.
  - 86 ROMERO, op. cit.
  - 87 Cf. BARRETO, Luís Pereira. *Obras filosóficas*. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1967.
  - 88 COMTE, Auguste. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
  - 89 Para obter mais detalhes, ver ALMEIDA, op. cit.; ALMEIDA; EL-HANI, op. cit.
  - 90 Ibid.
  - 91 CABRAL, op. cit.
  - 92 BLAKE, op. cit.; LINS, op. cit.